

OFERTA

AS SAUDADES

DE

19. 4. 1806

BELMIRO,

PASTOR DO GRAÇA,

E

A DESCRIÇÃO POÉTICA DO PRIMEIRO COMBOIO DO BRASIL EM

VERSO LYRICO.

L
24949



LISEOA. M. DCCCIV.

NA OFFIC. DE SINÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

*Vade , Liber , verbisque meis loca grata saluta ,
Si quis , ut in populo , nostri non immemor illic ,
Si quis , qui , quid agam , forte requirat , erit ;
Vivere me dices : salvum tamen esse negabis .
Me mare , me venti , me fera jactat hyems .*

Ovid. L. Trist. Eleg. I.

Quem morre , acaba o mal , que toda a pena
Dura co' a vida , sem passar da morte ;
Maior pena padece o que está ausente ,
Pois morre de saudade , e morto sente .

Ulysséa C. V. Est. IX.

PROLOGO.

Pequeno Livro, que encerras
Versos, que forão forjados,
Ao som de ventos, e guerras,
Sobre mares empolados,
Por incultas, ermas terras.

Não queiras que a morte fêa
As ondas te dê por campa,
Do Téjo procura a véa,
Vai buscar vida na estampa
Entre os muros de Ulysséa.

Basta que em triste desterro
Deixes teu misero Author;
Ora ouvindo o fatal berro
De Neptuno, ora o fragor,
Que lança o Vulcaneo ferro.

Bem sei que tambem pungido
Serás do Zoilo na terra,
Que á bavia canalha unido,
Faz ao verso cruel guerra,
Ou seja humilde, ou subido.

4 P R O L O G O .

Mas não temas que o Lethêo
Lago te volva em seu pégo ;
Não por seres fruto meu ,
Mas porque a Sorte , e Deos cêgo
Em ti mostrão o poder seu.

Se ahi te ler o severo
Aristarco , a quem respeito ,
Que te não emende espero ;
Que não vás Livro sujeito
Ao Censor do Grande Homero.

Aos sensiveis Amadores
Te envião os oppostos Numes ,
Só elles sejam os Censores
Do meu amor , e queixumes,
Da Sorte contra os rigores.

Ajuizem o quanto val
Amor , se a Fortuna tem
Por sua ardente rival ;
E se então Amor he bem ,
Ou antes horrivel mal.

Se nas ternas descripções
Te notarem fogo , ou frio ,
Baixeza nas expressões ,
Nos conceitos desvario ,
Dureza nas transições :

Pinta a pavorosa scena
Do mar , ventos , guerra , e estalo
Do roto masto , d'antena ,
A cujo estrondoso abalo
Foge o estro , e cahe a penna.

Se ás mãos da gente liberta,
Passares , producção pobre ,
Brada-lhe que esteja á lértá
Contra as paixões , que he mais nobre ,
Do que tudo huma paz certa.

Tambem serás vantajoso
Aos moços , que aspirão á guerra ,
E entregar-se ao mar furioso ,
Lendo em ti o horror , que encerra
Marte , e Neptuno espumoso.

6 P R O L O G O .

Mudando talvez de intento
Gozaráõ melhor ventura ,
Ou no seu patrio aposento
Seguindo a sábia cultura ,
Ou na serra alpestre o armento.



AS SAUDADES DE BELMIRO.

CANTO I.

Risonhas flores do prado ,
 Ninfas de rara belleza ,
 Claras agoas , manso gado
 Já vos cantei: nova empreza
 Me tem o peito inflammado.

Não canto o sanguineo estrago
 Das guerras enfurecidas
 De Troia , Roma , Carthago ;
 Nem Heróes , que tantas vidas
 Mandarão ao Estygio Lago.

Puras saudades canto ,
 Que soffri amante fino ;
 Tambem o subito espanto
 Desse encontro Neptunino ,
 Se chegar meu estro a tanto.

Nem

8 AS SAUDADES

Nem deixarei esquecidos
Os Varões da Marcia empreza,
Que trouxerão destemidos
Do Brasil aurea riqueza
Por mares embravecidos.

O' Musa, põe tu a mira
Sobre as fundas, vitreas agoas,
Cadentes versos me inspira,
Ternos ais, profundas mágoas
Sôem nas cordas da Lyra.

Corria o mez regelado,
Que veloz termina o anno,
Quando nos foi ordenado
Por decreto Soberano
Arrostar Neptuno irado.

No mesmo dia, em que o Ceo
Libertou a escrava gente,
Curvos ferros suspendeo
A Lusa Armada potente,
E as vélas ao vento deo.

Do porto se despedião
 Os baixéis com ferreas vozes:
 Sôava o rio, e gemião
 Os montes, onde os velozes
 Errantes sons embatião.

Reclinado á Urna d'oiro
 Nas margens o Têjo estava:
 Trazei-me o rico thesoiro,
 O flavo Padre exclamava,
 A' minha foz, e do Doiro.

Em seus braços se encostavão
 Suas crystallinas filhas,
 Que saudosas choravão
 Nossa ausencia, ao som das quilhas,
 Que as mansas agoas cortavão.

Lá dos oiteiros se ouvião
 Doces flautas dos pastores,
 Que alternados repetião
 Os nomes dos seus amores,
 Que escritos n'alma trazião.

PO A S S A U D A D E S

Das praias nos acenavão
De Lysia caras Donzellas:
Ternos a Deos se encontravão,
Que juntos voando ás estrellas,
Ternos peitos magoavão.

Exprimião em triste canto
As aves nas soledades
Queixas, que poderão tanto,
Que em meu peito as saudades
Se augmentarão: quanto! quanto!

Se os meus olhos espraiaava
Por Lysia, Lysia fugia:
Se a vista aos montes lançava,
Ficava minha alegria
Em tudo, que atrás ficava.

Neste tempo já nos ares
Os ventos hião dobrando,
Que sem dó dos meus pesares,
As brancas vélas inchando,
Nos impellirão aos mares.

Hia o Principe Real
 Por illustre Capitania,
 Levando por General
 Ramires, que em Lusitania
 Seu nome deixa immortal.

A' Capitania seguia
 O veloz Vasco da Gama,
 Que o forte Paula regia,
 Cujos louvores a fama
 De pólo a pólo annuncia.

Hia Maria Primeira,
 Outra columna formando;
 Levando por companheira,
 A mesma linha cortando,
 A não Princeza da Beira,

Pertencia a esta linha
 O Tritão, que na vanguarda
 Tocava a concha marinha,
 E Ulysses, que ás vezes tarda,
 Na da Capitania vinha.

12 A S S A U D A D E S

Leves baixeis , que sahião
Debaixo desta tutéla ,
Por tal ordem se estendião ,
Que nadante Cidadella
Sobre as ondas parecião.

Por hum , e por outro lado
Fervião niveas espumas ,
Que em giro vão apressado ,
Humas logo , depois de humas ,
Beijar o porto deixado.

A' semelhança daquellas
Porfias das salsas agoas ,
A' Tirce , e á Lizarda bellas ,
Vôão minhas ternas magoas ;
Porque o meu Nórté são ellas.

Pouco a pouco o Sol cahia
Entre os doces Thetios braços ,
E apenas resplandecia
De seus raios já escaços
Da alta cintra a penedia.

Ao tardo rio lançando
Os olhos clamava a gente:
Quando vos verei, ah quando!
Margens, que vêm brandamente
O Têjo em torno banhando.

Qual dizia, a Deos esposa
Desta vida caro emprego,
A Deos que a sorte invejosa
Do nosso amante socego
Me entrega a vida penosa.

Se não quizerem meus fados
Que outra vez torne a teus braços,
Lá tens os filhos amados,
De nossas almas pedaços,
Em amor puro gerados.

Se algum dia por seu Pai
Te perguntarem chorcosos,
Dize-lhes, soltando hum ai:
Filhos meus, filhos mimosos
Já meu Esposo lá vai.

14 A S S A U D A D E S

Nize, Jonia, a Deos, a Deos,
Clamavão peitos amantes,
Quem sabe se os olhos meus
Verão, como vião d'antes,
O doce encanto dos teus?

Desses momentos de gloria,
Que, por ser minha, e ser tua,
Foi qual sombra transitoria,
Fiel imagem, mas crua
Me tyranniza a memoria.

Ah! não faltes, meu Bem, não
A' fé, que juraste amante;
Que se Amor dá galardão
A quem adora constante,
Não deixa impune a traição.

Circulavão os leves ares
Estes fúnebres lamentos;
Sentidos ais, a milhares,
Hião nas azas dos ventos
Empolando em torno os mares!

Neste tempo o negro manto
 Da noite cobria a esféra ;
 Das aves o terno canto
 Não se ouvia, e só a féra
 Ausencia esparzia o pranto.

Voltando a mim, eis me vejo
 Com meus cuidados sómente:
 Em vão quero, em vão forcejo
 As horas passar contente,
 Que o meu mal era sobejo.

Quantas vezes fantasia
 Foste a Lizarda celeste!
 Que giros á margem fria
 Do saudoso freixo deste,
 Roubando minha alegria!

Já de Tirce o lindo rosto
 Dentro d'alma me pintava:
 Logo o sitio onde com gosto
 Seu niveo peito offertava
 A meu amor doce encosto.

Presentavão-se á memoria
 Mutuos votos de firmeza :
 Ah ! fortuna transitoria ;
 Porque mudaste em tristeza
 Expressões de tanta gloria ?

Em vão Morfêo convidava
 Meus olhos ao grato somno
 Se a doce vara os cerrava ,
 Logo Amor em seu abono
 Pra chorar os desfechava .

Lgrimas tristes manando
 Delles , como duas fontes ,
 Os mares hião augmentando ,
 Quando já nos horizontes
 A Aurora vinha raiando .

De huma parte á outra os lanço ,
 Para avistar Lysia amada !
 De girat com a vista canço ,
 De Lysia não vejo nada ,
 Só mar , Ceo , lenhos alcanço .

Qual se vê em noite escura
 O perdido Caminhante,
 Que encerrado na espessura,
 Ora aqui, e alli errante
 Maldiz sua desventura :

Tal eu ao furor do vento,
 Que açoitava as bravas agoas,
 Vagando no salso argento,
 Entre mil intensas magoas
 Exprimo assim meu tormento.

Feliz aquelle, que passa
 Com seu Bem a doce vida,
 Sem ver o rosto da baça
 Tristeza, que he dirigida
 Da ferrea mão da desgraça !

Ninguém perturba o socego
 De dois corações unidos ;
 Hum do outro he o caro emprego,
 Respirando enternecidos
 Hum reciproco amor cego.

Ambos se empenhão á porfia
 Em augmentar sua gloria,
 Passão a noite, paixão o dia,
 E quanto sóbe á memoria
 Imagens são de alegria.

Se alguma vez o ciume
 Lhes vai aos peitos subir,
 He traça do Gnidio Nume,
 Que para mais os unir,
 Atêa alli o queixume.

Thesoiros para elles são,
 Qual pó, que o vento levanta,
 Olhão pr'a guerreira acção
 Com desprezo, que os encanta
 Só a paz do coração.

Inda agora onde murmura
 O meu Graça, (*) ou Freixo (2) brando,
 O' Tirce, ó Lizarda pura,
 Podéra viver, cantando
 Os mimos desta ventura.

Po-

(1) O Graça he hum pequeno rio, que divide a Villa de Ovar em duas partes.

(2) O Freixo pequeno ribeiro do Além-Têjo.

Podéra, o' Ninfas, podéra
 Comvosco ahi ser feliz:
 Mas ah! Ceos, que a sorte féra
 Roubar-me esta gloria quiz,
 Já não sou, qual d'antes era.

Hoje infeliz navegante
 Exposto aos mares me vejo;
 Curvo lenho flutuante,
 Desembocando do Téjo,
 Me leva a terra distante.

Aqui em lugar do Graça
 Vejo ferver serras d'agoas,
 Em vez dessa gloria escassa
 Padeço funestas magoas,
 Que tece a minha desgraça.

Se lá o Zefiro brando
 Brincava em torno de nós;
 Aqui, onde vou penando,
 Bramindo Bóreas feroz
 Estragos vai semeando.

Se entre vós lá exhalasse
 A doce vital porção ,
 Tinha em vós quem me chorasse ;
 E nivera , e piedosa mão ,
 Que epitafio me gravasse.

Mas aqui se Atrópos dura
 Me cortar da vida os fios ,
 Nem esta final ventura
 Acharci , e os peixes frios
 Me darão a sepultura.

Assim clamava , eis que Amor
 De meu mal compadecido ,
 Do somno implora o favor ,
 Que a seu rógó submettido
 Pôz triégoas á minlia dôr.

Entre o sonho Amor me diz :
 Suspende essa pena dura ,
 Que ainda no teu Paiz ,
 Junto de Lizarda pura ,
 Gozarás tempo feliz.

Mas em quanto não consente
 Esta gloria o duro fado,
 Aqui tens quem tambem sente,
 Como tu, igual cuidado,
 Consolai-vos mutuamente:

Abração o terno Jozino
 Saudades do seu Bem,
 E por Vicencia Francino
 As mesmas saudades tem,
 Que teu peito amante, e fino.

Vôa Amor, e o seu adejo
 De Morfêo desfez os laços:
 D'ambos os lados bracejo,
 Abro os olhos, guio os passos
 Onde os dois amantes vejo.

Ambos estes se alistarão
 Na palestra de Mavorte;
 E ao Deos da guerra votarão
 De defender, té á morte,
 As bandeiras, que jurarão.

22 A S S A U D A D E S

Amor ; que tambem lhes vio
Almas propensas a amar ,
A seu imperio os unio
Obrigando-os a beijar
As settas , com que os ferio.

Nossos ternos corações
Em amizade se unirão ;
Que faceis são as prizões
Entre peitos , onde girão
As mesmas cégas paixões.

Logo as amantes historias
De mil ais interrompidas ,
Glorias d'Amor , doces glórias ,
Esperanças já perdidas
Vão repetindo as memórias.

Assim fomos lamentando
Os nossos apartamentos ,
Ternos suspiros juntando
Ao ruido , com que os ventos
As vélas hião enfunando.

Já fóra dos patrios mares
 As quilhas cortavão as agoas,
 Mais a mais duros pezares,
 Saudades, vivas magoas
 Sentia o peito a milhares.

Tres vezes o Oriente
 As portas ao Sol abrio;
 Outras tantas o Ponente
 As cerrou, quando se vio
 O Porto Santo ao Nascente.

Rijo Boreas, que zunia,
 Sem já mais nelle haver falta,
 Nos mostrou ao quarto dia
 Nova terra, que por alta
 Pelas nuvens se escondia.

Era a Madeira excellente
 Nos mimos da Natureza;
 Ilha, a quem Baccho potente
 Sobre todas fez Princeza
 No licôr, que alegra a gente.

24 A S SAUDADES

No mesmo dia perdêrão
Meus olhos a pingue terra:
Ao golfo mais se mettêrão
As náos, eis que nova guerra
As saudades me fizerão.

Repassava na memória
Quando ao som do Graça brando,
Essa, que d'Amor he gloria,
Me repetio soluçando,
Esta paixão amatoria.

Belmiro, caro Belmiro,
Que aos meus ais o peito cerras,
Quando só por ti suspiro,
Como deixas entre guerras
Lizarda neste retiro!

Vás buscar novos paizes,
Por entre feros escolhos,
E ainda, ó Ingrato, dizes
Que só podem os meus olhos
Fazer teus olhos felizes?

Se te leva aureo metal,
 Que escondê o rico Brasil,
 Meu coração nada val?
 Não tem elle prendas mil
 D'alto valor sem igual?

Se destemido valor
 A' guerra môve teus passos,
 Não venceste o meu rigor?
 Não gozas já nos meus braços
 Triunfos, que offrece Amor?

Queres por incerta guerra
 Expôr victoria segura?
 Não temes que mar, ou terra
 Estranha roube a ventura,
 Que o teu peito, e o meu encerra?

Não recêas que distante
 Quebre Amor minhas algemas?
 Não temes rival constante?
 Mas que digo? ah! não, não temas
 Que mude meu peito amante.

26 AS SAUDADES

A ficar esta fé pura
Te mova, mova-te Amor,
Meu pranto, minha ternura,
Movão-te em fim minha dôr,
E meus olhos sem ventura!

Mas se ainda não movêrão
Teu coração minhas queixas,
Se tantos ais não valêrão,
Movão-te os mimos, que deixas,
Scenas tristes, que te esperão.

Onde vás pois, ah! suspende
Teus passos, muda de intento:
Da tua vida depende
Minha vida, ao meu tormento
Attende, Belmiro, attende!

Sobre a idéa repizando
Fui estas memorias tristes,
De tempo em tempo clamando,
Quão verdadeiras sahistes
Desgraças, que vou passando!

As vistas, que offrece o mar
 Aos olhos do navegante,
 Não podião desterrar
 Do meu coração amante
 Meu contínuo suspirar.

Empavezados Baixeis,
 As salsas ondas fendendo,
 Os ventos té alli fiéis
 Me pintavão em quadro horrendo
 Imagens as mais cruéis.

A mesma bella Diana,
 De Latona casta filha,
 Que de huma Luz Soberana
 No Ceo, terra, e mares brilha,
 Era a meus olhos tyranna.

Quanto a sábia natureza
 Creou n'huma, e n'outra esféra,
 Astros de rara belleza,
 Agoas, peixes, e o mais era
 Da côr da minha tristeza,

28 A S S A U D A D E S

Erão já entre pezares
Passados dezoito dias,
Que deixando os patrios lares
Sobre as azas de agonias,
Os meus ais turvavão os ares.

Até que os ventos crestados
De suspiros tão ardentes
Forão por seu Rei forçados
Entrar nas covas ingentes,
Aonde bramem cerrados.

Quatorze vezes doirou
Os horizontes Apollo,
Em quanto a frota vagou,
Livre das furias de Eólo,
Que os mares abonançou.

Em doce tranquillidade
A mansa vaga dormia;
Só meu peito, oh crueldade!
Só meu triste peito ardia
Nas chammas da saudade.

Nestes dias, em que o mar
 Teve paz co' o Rei dos ventos,
 Passou-se o tempo em pescar
 Os peixes, que vinhão aos centos
 A' tona d'agoa brincar.

Não era a doirada Enguia,
 O Barbo, a Truta, e Roubacos
 Essa fresca pescaria,
 Que nos humidos buracos
 O meu Graça, e Freixo cria.

Era o marinho Judeo,
 E lixoso Tubarão,
 Peixes que o vário Protêo
 Por natural aversão
 Não conta por gado seu.

Mas Neptuno impaciente
 Por cumprir já seus intentos,
 Pedu a Hippótades potente,
 Que solte os ligeiros ventos
 Da negra caverna ardente.

30 A S S A U D A D E S

Com estrondo o mar se altéra,
Dos Aquilões açoitado:
De nuvens se cobre a esféra,
E chegão as náos, onde irado
Neptuno os mares impéra.



CANTO II.

NA Linha, que parte o Mundo
 Em duas partes iguaes
 Tem seu palacio profundo
 Este Nume, que aos mortaes
 Se mostra sempre iracundo.

Inda ao pólo Boreal
 Navegava a frota ingente,
 Quando na Equinocial
 Vi surgir, Ceos! de repente
 Esta Scena pra meu mal.

Loiro Deos aqui me inspira
 Da Beotica morada,
 Que enrouquece a branda Lyra,
 E a Musa inda assustada
 Com esta vista suspira.

32 A S S A U D A D E S

Sahirão do fundo aquoso
Dois grandes monstros marinhos,
Que, de hum rincho impetuoso,
Abrião fundos caminhos
Pelo vasto imperio undoso.

Dos altos cóllos atado
Luzido carro pendia,
Que d'alva concha formado,
O marfim escurecia
Na Lybia ardente creado.

Rubras Lagostas bordavão
Do carro o tecto emminente,
E os igneos rubis brilhavão
No rico Solio fulgente,
Que os mortaes olhos cegavão.

Sentado vinha sobre elle
Dos mares o Deos primeiro,
Coberto de huma aurea pelle,
Superior á do Carneiro,
Que no Ponto passou Helle.

Huma brilhante safira
 Era a Croa deste Nume,
 Pédra, que aos Ceos a cõr tira,
 E que movêra ciumé,
 Se nos mesmos Ceos se vira.

A barba, e cabello era
 Da cõr do ceruleo pólo,
 Tão hirto que o não movêra
 A brava furia de Eólo,
 Se entrar com elle podêra.

Na mão direita empunhava
 O Tridente auri-lavrado,
 E na esquerda sustentava
 Aureas redeas, com que irado
 Os cavalloos governava.

Em azul banda gravados
 Brillhavão com letras d'oiro
 Os triunfos decantados,
 Que lhe alcançarão o thesoiro
 Dos vastos Reinos salgados.

A pôs o carro nadavão
 De Nereo as filhas bellas:
 E em doce canto exaltavão,
 Ainda além das estrellas,
 A Deosa, que acompanhavão.

Mudando logo de canto,
 Cantarão com mais ternura
 De Neptuno o Hymeneo Santo
 Com ella, cuja aventura
 Moveo Amphitrite a pranto.

Em veloz Delfim montado
 Tambem Proteo a seguia;
 Trazendo por seu estado
 Os Focas, que noite, e dia
 Rebanha no mar salgado.

Rompendo a Celeste esféra
 Lá da parte Oriental vi
 Outra Deosa, Venus era,
 Que, para se achar alli,
 Deixou Pafos, e Cithéra.

36 AS SAUDADES

As Idalias aves puras ,
A' linda Cypria tão caras ,
Nas niveas azas , seguras
Transportavão o carro avaras
A' doce Mãi das ternuras.

Croada de murta , e rosas
Vinha a Deosa , e em companhia
Vinhão as tres Graças formosas ,
Tambem Amor , que regia
As redeas d'ouro vistosas.

Ao sabor de hum brando vento
As loiras comas voavão ,
Que do leve movimento ,
Que fazião , embalsamavão
Todo o mar , e firmamento.

Sobre a meta crystallina
As lacteas pombas descêrão ;
E da Corte Neptunina
Algumas Deosas vierão
Receber Venus Divina.

Chegando onde o Padre estava ,
 Este Nume a recebeo ;
 Mas tão triste os braços dava ,
 Que nos gestos sinaes deo
 Que esta vinda lhe pesava.

Já todo o cortejo vinha ;
 Ao som de buzios do mar ;
 Correndo ao longo da Linha ,
 Té que parou no lugar ,
 Onde a frota as prôas tinha.

Verdejante véo inflado ,
 Por mil Zefiros vitaes ,
 Era o docel sublimado ,
 Que assombrava aos Immortaes
 Deoses do Reino empolado.

Neste tempo já Eólo
 Nestes sitios não bramia ;
 E de hum pólo ao outro pólo ,
 Atrás nevoas desfazia
 A vista do Loiro Apollo.

38 A S S A U D A D E S

Vendo esta Scena, em meu peito
Meu coração faleceo ;
Fugio-me a luz, e o estreito
Laço da morte correo
Quasi a obrar o seu effeito.

Mas depois tornando a mim ,
Só por milagre de Amor ,
Querendo á vida pôr fim ,
Penetrado de tremor ,
Clamei , oh Ceos , onde vim ?

Onde guias , cruel fado ,
Meus passos ... mas eis que soa
De rouca voz som pesado ,
Que os Ceos , e mares atrôa ,
E me deixa alienado.

Os olhos turvos do susto
Lanço ás agoas pezaroso ;
Eis divisó , a muito custo ,
Surgindo do pégo undoso
Horrendo monstro robusto.

De côr terrea o carão tinha,
 Da mesma crespos cabellos,
 Negra a boca, onde sustinha,
 Entre dentes amarellos,
 Huma trombeta marinha.

Das rombas ventas cahião;
 Do rijo sopro impellidos,
 Mexilhões, que dentro crião;
 E de novo a elle unidos
 Pelas barbas lhe subião.

Logo ferrea voz se ouviu,
 Que foi esta: O' gente Lusa...
 E o mar logo, a quem ferio
 Este som, em voz confusa,
 Os dois nomes repetio.

Outra vez nos mares sôa:
 O' Heróes de quem a fama
 Pelas cem bocas pregôa
 Altos feitos, que derrama
 Desde o Téjo á terra Eôa:

46 AS SIAUDADES

Eu sou o filho, e correio
Deste Deos, que o Senhorio
Tem do mar; eu me nomeio
Tritão, e aqui annuncio
Os decretos de seu seio.

Bem sabeis, por estatuto
De meu excelso Pai caro,
Que paga aqui grão tributo
O navegante, que avaro
Corta a Linha resolutio.

Porém hoje, ó alto arcano
Inda occulto para mim,
Meu Sábio Pai Soberano
A esta penção põe fim,
Em favor do Lusitano.

Por tanto ordena que a frota;
Sulcando a sálgada via,
Segura siga a derrota;
Que verá cedo a Bahia
De seus lares tão remota.

Só manda ao Baixel , que iguala
 Na velocidade ao vento,
 Venha ouvir da sua falla
 Seus decretos , que eu assento . . .
 Mas aqui Tritão se cala.

Talvez que o Nume quizera
 Dizer nesta reticencia
 Seu juizo , mas vio que era
 Deste successo a sciencia
 A cima da sua esféra.

Isto dizendo , hum propicio
 Vento , que as náos impellia ,
 Dava aos mais feliz indicio ,
 Só a Náo Vasco partia ,
 Qual victima , ao sacrificio.

Vagava meu pensamento
 Por ver se o motivo achava
 Deste encontro , e o doce alento
 Pouco a pouco sossobrava
 Entre o rígido tormento.

42 A S S A U D A D E S

Eis que a leve fantasia,
Abrindo o véo do passado,
Me affirmava que seria
Perfidia, que Baccho irado
Contra nós de novo urdia.

Foi este Deos, como he fama,
Recordava na lembrança,
Que aos Deoses já contra o Gama
Implorou féra vingança,
Que ainda agora o inflamma.

Quer em nós a raiva dura
Saciarse este cruel;
E que seja sepultura
O mar de hum fragil Baixel,
Que traz do Gama a figura.

Nesta confusão impia,
Em que o discurso vagava,
Sem acôrdo, ora cahia,
Ora aos ares me levava
Minha mortal agonia.

A nós as vistas lançavão
 Nossos caros companheiros,
 E entre os ais que soavão
 Ternos a Deos derradeiros
 Pelos ares se encontravão.

Neste tempo, eis que se sente
 Que o Baixel se não movia;
 Lanço a vista, e de repente
 Diviso que o suspendia
 Já de Neptuno o tridente.

Logo voz sonora brada
 Que diz: O' Leite famoso
 Que de Stirpe sublimada
 E's grão fruto, e hum nome honroso
 Vás tendo na Patria amada:

Tu que sustentas de Astréa
 A balança imparcial,
 A quem Marte, e a mesma Déa,
 De Sacro loiro immortal,
 Já nos seus templos premea;

44. A S. SAUDADES

Tu nessa Não fluctuante,
Que reges em paz, e guerra,
Tens o venturoso amante
De Ninfas, que são na terra,
Qual mais bella, e mais constante.

Por ordem minha o destino
O trouxe a meu Reino escuro:
A' minha vista esse fino
Amante venha seguro,
Cumpra-se o que eu determino.

Vendo o Chéfe valeroso
Que nisto Neptuno insiste;
Nos perguntava piedoso
Qual era a victima triste
Deste holocausto horroroso.

Ternos ais, que ao Ceo soltava
Meu peito, minha agonia;
O pranto, que me banhava,
Tudo quanto em mim se via,
A todos que era eu bradava.

A meus pezares ligado,
 Entre mal seguros passós,
 Dos sentidos perturbado,
 Cahidos os frouxos braços
 Perante o Deos fui levado.

E's tu, mortal, eis me diz
 Neptuno de hum tom profundo;
 Esse amante, que Amor quiz
 Que fosse té aqui no mundo
 De todos o mais feliz?

E's tu, que adoras aquellas;
 Do Graça, e Freixo gentis
 Pastoras, inda mais bellas,
 Como a fama aqui me diz,
 Que as mais brilhantes estrellas?

E's tu . . . mas ali que o severo
 Ciume já me devora!
 Basta, mortal, eu venero
 Tuas Ninfas; sem demora
 Nestes meus Reinos as quero.

46 A S S A U D A D E S

Já prestes dois Delfins tenho
Dos mais velozes do mar,
Que saltando, em torno ao lenho,
Huma, e outra iráo buscar;
Por quem Amante me empenho.

Se te parece que he féra
Esta nossa authoridade,
Pondéra, morta! pondéra,
Que dos Deoses a vontade
Como justa Lei impéra.

Por ellas dispenso o forte
Luso do tributo antigo;
Seguro meus mares corte,
Que sempre fiel amigo
Me achará do Sul ao Norte.

Amantes, pensai agora,
Qual seria a dôr immensa
Da minha alma, naquella hora,
Ouvindo fatal sentença
Privar-me de quem me adora.

Tanto estrago o grão Tonante
 Não fez nos Titães ferozes
 Com seu raio fulminante,
 Como fizeram estas vozes
 No meu coração amante.

Ao cruel Deos quiz dizer
 Que a morte me era melhor;
 Mas que importou meu querer,
 Se as palavras, entre a dôr,
 Me expiravão ao nascer.

De novo meu sentimento
 Quiz expressar, mas em vão,
 Pois fiquei, qual somnolento,
 Que entre o susto, e confusão,
 Braceja, falla sem tento.

Nisto Amphitrite levanta
 Aos Ceos o rosto Divino:
 Jove, disse, não te espanta
 Ver que o peito Neptunino
 A mais Sacra Lei quebranta?

48 A S S A U D A D E S

Não mandas tu que o Hymeneo
 Sempre indissolúvel seja?
 Não he esta a Lei do Ceo?
 E he possível que eu veja
 Hoje violado o meu?

Depois os olhos baixando
 A bella Deosa os voltou
 A Neptuno, e soluçando
 Desta maneira fallou
 A seu esposo, em tom brando,

He este o premio devido
 A's minhas ternas caricias?
 Já te foi meu peito infido?
 Não és tu minhas delicias,
 E o meu esposo querido?

Não quebrei por teu respeito
 O voto, que fiz aos Ceos?
 Se era a posse do meu peito
 A tua ventura, ó Deos,
 Que mais podia ter feito!

Agora mesmo que tenho
 A certeza, oh crueldade!
 Que o deixar-me he teu empenho,
 Só por ser tua vontade,
 No meu proprio mal convenho.

Eleja teu peito eleja
 Idolo novo a seu culto;
 Veja o Ceo, o mundo veja,
 Que o Amphitrite em seu insulto,
 Tua gloria inda deseja.

Já deixei, como convinha,
 Sceptro, e Crôas preciosas,
 Tenha o mar outra Rainha,
 Neptuno novas esposas,
 Negra sorte seja a minha.

Só quero pra meu amparo,
 Já que em fim tudo perdi,
 Me deixes meu filho caro,
 Que por ser teu... mas aqui
 A suffoca hum pranto amaro.

50 AS SAUDADES

Não diz mais, e o terno Coro
Dessas Nereidas formosas
Tributou, por justo foro,
Tambem lagrimas piedosas
Da Deosa ao sentido choro.

Ao som do pranto soltou
Terno suspiro Neptuno;
Logo Venus, que o escutou,
Vendo ser tempo opportuno,
Deste modo lhe fallou:

Alto Deos, cujo tridente
O vasto mar senhorêa,
E cujo braço potente
No mundo tambem refrêa
A misera humana gente.

Se de Amphitrite os gemidos,
E desgraça te não move,
Aos rogos enternecidos
Da cara filha de Jove
Presta clemente os ouvidos.

Bem sabes, que nas ondosas
 Espumas do Reino teu
 Nasci coberta de rosas,
 Tendo agora o throno meu
 Em Pafos, Chypre famosas.

Que sou a Deosa, a quem dão
 Os mortaes adorações,
 Que minhas victimas são
 Os amantes corações,
 A quem liga aurea prisão.

Sabes que na formosura
 O meu poder tenho occulto,
 Que meu filho ahi se apura
 Em augmentar o meu culto,
 Tendo a victoria segura.

Que não usa pr'a conquista
 Desses farpões, de que usava;
 Que huma doce, e meiga vista
 Rende mais que a sua aljava,
 E não ha quem lhe resista.

52 A S A U D Á D E S

Logo... tyrannas estrellas!
Minha gloria qual será,
Se me roubares aquellas,
Que de quantas bellas ha,
São cantadas por mais bellas?

Quem deixou de me adorar,
De Tirce vendo a figura?
Que peito póde occultar
A paixão, vendo a ternura
De Lizarda, e meigo olhar!

Queres que o Templo de Gnido
Despovoado se veja!
Que seu altar diluido
Com a pira ardente seja
A denso pó reduzido?

Que a triste Venus sem cultos,
Com seu terno filho ao cóllo,
Mendigue os Póvos occultos,
Que habitão de pólo a pólo,
Entregue a crueis insultos?

Se estas desgraças fataes
 Te não movem, e o meu queixume,
 Lembre-te quão desiguaes
 São Tirce, e Lizarda a hum Nume
 Dos primeiros Immortaes.

Queria a bella Cithera,
 Allegar outras razões;
 Mas o Deos com vista féra:
 Basta, disse, reprehensões
 Neptuno a ninguém toléra.

Os olhos depois volveo,
 Os olhos vibrando fogo,
 Os Deoses todos correo
 Irado, mas parou logo,
 Mal arrostou com Proteo.

E's tu, clama, és tu, traidor
 Profeta deste elemento,
 Que foste o infiel motor,
 Por quem soube o meu intento
 Amphitrite, e a Mãe de Amor?

Foi tua prevista mente,
 De Jove prenda querida;
 Quem me roubou imprudente
 As Nynfas, por quem ferida
 Minha alma tanto amor sente?

Eia pois, goze Belmiró
 Tanta gloria, feliz seja;
 Eu triste... mas que profirão?
 Céde Neptuno á inveja
 Das Deosas? ah que deliro!

Cedo, mas deixa Proteo
 Doloso, vario, inimigo,
 Que nem o poder do Ceo
 Te livrará do castigo;
 Que me inspira o furor meu.

Aqui abrazado em ira
 O tridente ao ar levanta;
 Tres vezes no mar atira
 Golpes taes, que tudo espanta
 O som, que nas agoas gira.

O mar bramindo , se abriu
 Eis que a marinha Assemblea
 No profundo se sumio ;
 Só Venus de gloria chea
 A Páfos se dirigio.

A's suaves virações
 De Favonio deleitoso ,
 Succedêrão os Aquilões ,
 Que o Rei dos ventos furioso
 Soltou das ferreas prisões.

Bravas ondas negrejando
 Em fluxo , e refluxo interno ;
 Ora ás estréllas trepando ,
 Ora descendô ao Inferno
 Bramião de quando em quando.

Mas a pezar dos ruidos ,
 Que por todo o mar se ouvião ,
 Se apuravão meus sentidos ,
 E no peito renascião
 Alentos quasi perdidos.

56 AS SAUDADES

Já longe o lugar ficava
A meu coração fatal :
Por elle a vista alongava ,
Com tal pavor , que outro mal
Ainda lá receava.

Depois que os olhos cansados
Mais não virão o sitio horrendo ;
Os casos , alli passados ,
Forão subindo , e descendo
Pela memoria alternados.

Ora parece que via
A respeitosa Assembléa
Dos Deoses na salsa via ;
Ora que a ferrea voz fêa
Do veloz Tritão ouvia.

Já de Neptuno soava
O Decreto usurpador :
As Deosas logo escutava ,
Cujo pranto , em meu favor ,
O coração me animava.

Graças aqui tributei
 A Proteo, que me livrou;
 Mas depois que me lembrei,
 Que Neptuno o ameaçou
 Confuso outra vez fiquei.

Quem sabe, clamava ao Ceo,
 Se Neptuno sem clemencia
 Pertende privar Proteo
 Das figuras, e sciencia,
 Que o Pai dos Deoses lhe deo!

Quem sabe se então mudado
 Em ave, ou qualquer figura,
 Ao Graça irá apressado
 Roubar-me Lizarda pura,
 Ou Tirce, meu bem amado!

Temia que a veloz fama
 Fizesse esforços incriveis
 Em lhe atear nova chama:
 Temia mil impossiveis:
 E que não teme quem ama!

58 A s SAUDADES

Discorrendo assim passava
O tempo, quando o Gageiro;
Terra, terra, nos bradava,
A tempo que Fevereiro
Só nove dias contava.

Ainda o Pai de Faetonte
Mal as sombras desfazia,
Lá no lúcido horizonte,
E já nas praias luzia
De arêas hum alto monte.

Era a Côsta da Bahiã
A que vimos d'alto mar;
Que de longe parecia
Ser o saudoso lar,
Em que vi a luz do dia.

Que saudades novamente
Aqui meu peito assaltarão!
Lembrei-mê que estava ausente;
Glorias passadas lembrarão:
Oh quanto hum amante sente!

Toda a frota demandando
 Hia já o porto amigo: * * * * *
 Edifícios branquejando,
 Por entre arvoredos antigo,
 Se vião de quando em quando.

Logo retumbou na Serra
 Coruscante artilheria: **D**
 Não erão globos de guerra,
 Erão sinaes de alegria,
 A quem respondeo a terra.

No fim das salvas ao seio
 Do mar, qual raio desceo **E**
 Dos Baixéis o duro freio;
 E com elle termo deo **A**
 A derrota em mez e meio. **M**



C A N T O III.

DO bosque os ledos cantores
 Se despedião do dia :
 Recolhião-se os Pastores ,
 E já a vistosa Bahia
 Se enlutava em tristes cores.

Era noite , e os membros lassos
 Convidavão o somno amigo :
 Abria Morfeo seus braços ,
 Mas que importa , se comigo
 Todos os bens erão escassos.

Meus saudosos cuidados ,
 Dentro do peito velavão ,
 Misturando os margurados
 Dias , que me atormentavão
 A' lembrança dos passados.

Mas já a filha Crystallina
 De Titan brilhava , quando
 Vi na espada Neptunina
 Huma Cidade boiando ,
 Outra sobre alta collina.

Verdes plantas reverdecem
 Entre o espaço , que as medêa :
 Por entre ellas apparecem
 Torres , casas , e na arêa
 Ondas sobre ondas recrescem.

Huma , e outra extremidade
 Copado arvoredos borda ;
 Que embelezando a Cidade ,
 Fôrma com ella huma corda ,
 Cheia de variedade.

Cingem-na por mar , e terra
 Fortalezas , Baluartes ;
 Donde , resoando a Serra ,
 Despedem os Lusos Martes
 Os globos da fatal guerra.

62 AS SAUDADES

Qual Crystallina corrente,
Que impede externo embaraço,
Pára hum pouco, té que a enchente
Trasbordando, o vácuo espaço
Vai cobrir mais velozmente:

Tal á vista da Bahia,
A saudade represada
No terno peito dormia;
Mas em breve exasperada
Entranhas, peito rompia.

Mais veloz, que o veloz tiro;
Os mares atravessava;
Dirigia ao Graça o giro,
E meu coração levava
Sobre as azas de hum suspiro.

A Esperança hia no meio
Doirando minha ventura:
Mas o trémulo receio,
Pelas mãos d'ausencia dura,
Punha á esperança hum freio.

Ternos desejos sahião
 Do meu peito, e lá voavão,
 No mar mil vezes cahião;
 Porque as azas lhes crestavão
 Ciumes, que tambem hião.

Com Amor voando unidos
 Ao Graça chegavão todos;
 E nas margens escondidos,
 Vião, por diffrentes modos,
 A gloria dos meus sentidos.

A Esperança acompanhada
 De meus desejos ardentes,
 Via Lizarda inclinada
 Sobre as ervas florecentes,
 De amargo choro banhada.

Logo o rosto levantando,
 Afflicta clamava ao Ceo,
 Té quando, Numes, té quando
 Longe de hum Bem, que me deo
 Amor, viverei pensando?

Depois ao Freixo voltando,
 Ao Freixo, que já da paz
 Foi theatro, e de Amor brando,
 Via Tirce, que alli jaz
 Por seu Belmiro chamando.

Alli n'hum Freixo, que estava
 O doce rio assombrando,
 Triste Belmiro entalhava;
 E o mesmo nome beijando
 Eterna fé lhe jurava.

Os ciumes d'outro lado,
 Juntos ao frio receio
 Observão, oh áspero fado!
 A Lizarda, e a Tirce ao seio;
 De hum rival affortunado.

Amantes vozes sahião
 Dos dois venturosos peitos:
 Famintos beijos ferverião,
 Mil finezas, ternos geitos,
 Que os corações accendião.

Eis-aqui as varias Scenas ,
 Que virão os filhos de Amor ;
 A quem tu , oh Nume , ordenas
 Que pintem , a teu sabor ,
 Huns glorias , e os outros penas.

De lá revoando vinha
 Cada qual com seu emprego ,
 A esperança me mantinha ,
 E o ciume , como cégo ,
 Cégo de raiva me tinha.

Vendo-me então sem ventura ,
 Nesta d'Amor cruel guerra ,
 Quiz ver se ao mal dava cura
 Mas ah ! hum triste quanto erra ,
 Se ausente este bem procura.

Deixei meu Baixel hum dia
 Por pisar a terra alhea ,
 E quando mal o previa ,
 Encalhei na leve arêa
 D'huma pequena bahia.

66 A S S I A U D A D E S

Alli serena corrente
De hum regato, saudosa,
Lambendo a aréa luzente,
Se misturava queixosa
A' Mãe de Achilles ardente.

Da saudade acompanhado,
Caminhando ao longo della,
Chego a hum sitio elevado,
Onde huma campina bella
Dominava o mar salgado.

Verde intrincado arvoredó
De toda a parte abordava,
E no meio alto rochedo
Argentea linfa brotava,
Que no mar morria cedo.

Matizavão o campo ameno
Estranhas, mas lindas flores;
Onde Flora ao leve aceno
De Favonio seus Amores,
Armava hum leito de feno.

Nos lisos troncos viçosos ,
 De não vista variedade ,
 Lia versos amorosos ,
 Analogos á saudade
 De ternos peitos queixos.

Neste se lia : Aqui deixo ,
 Belleza , teu nome escrito :
 Não de Amor , de ti me queixo :
 Caminhante , o seu delito
 He ser mais dura , que hum seixo.

Naquelle entalhado via :
 Deste sitio , oh que tormento !
 Vi o Baixel , que fendia
 As ondas , levando ao vento
 A minha doce alegria.

Nos mais estas queixas li :
 Mares , ventos , duros fados
 Trazei-me o meu Bem aqui :
 Mas ah ! são rogos baldados ,
 Por meu , por bem o perdi !

68 A S S A U D A D E S

Sobre os ramos diffundião
As aves sentidas magoas ;
Brandos Zefiros bolião
Nas folhas , que ao som das agoas ,
Mais triste o lugar fazião.

Era tal que o consagrou
A' saudade a natureza ;
Alli altar lhe formou ,
E junto della a tristeza
No mesmo altar collocou.

Aqui , meu peito , exclamei ,
Choremos os nossos males ;
Se té gora te neguei
Este allivio , oução os valles
Quanto passo , e já passei.

Isto dizendo , assomava
Ao rochedo , cujo cóllo
Sobre o bosque se elevava ,
Donde se ouvia de Eólo
Pelo mar a furia brava.

Tinha assento alcatifado
 De fresco musgo viçoso:
 Alli me deito, eis de hum lado
 Vi surgir vulto formoso,
 De furta-cores ornado.

Qual o triste, que assombrou
 Dos irados Ceos o raio,
 Tal fiquei, mas me tirou
 Do repentino desmaio,
 A voz, que assim me fallou:

Quem és tu, mortal, e donde?
 Que estrella aqui te encaminha?
 A fortuna, que se esconde,
 (Respondi) e he tão mesquinha
 Que a meu rogo não responde.

Que males te causou ella
 (Ouço a mesma voz, que ouvi)
 Olho, vejo huma Donzella
 Risonha, respiro aqui,
 E assim fallei aos pés della.

70 AS SAUDADES

Deosa (que por tal vós tenho)
Pois dos Numes ouvir he
Os tristes, eu vos empenho
No meu mal, ouvi porque
Trago a vida em curvo lenho;

No Reino, que o nōme toma
De Luso, na rica Europa,
Reino já fatal a Roma;
E em cujo mar. Febo ensopa
Repousando a loira coma.

Em fértil, risonho plano,
Que está em distancia igual,
Entre o Vouga, e Doiro ufano;
A quem borda hum areal,
Que o separa do Oceano.

Jaz situada huma Aldêa
Debaixo de hum puro Ceo;
De verdes prados se arrêa:
E tudo, que he bom lhe deo;
Quem tudo sábio menêa.

Tres claros rios pequenos
 A dividê, e fazem bella:
 Dois os seus cursos serenos
 Juntão no principio della,
 Banhando campos amenos.

O terceiro murmurando
 Com saúdoso rodeio,
 Os dois Irmãos vem buscando,
 Té que os encontra, e no meio,
 Unidos n'hum, vão marchando.

Vistosa ponte, que o cobre,
 Que a Aldeá chama da Graça:
 Seu nome he dá tão nobre,
 E já rico o vê quem passa,
 Sendo cada qual bem pobre.

Suas margens graciosas
 Se adornão de lindas flores,
 Onde, em coréas vistosas,
 De mãos dadas co' os Amores
 Brincão Pastoras formosas.

Alli Amaryllis dança ,
 A formosa Galatéa ,
 Laura bella , que na trança
 D'aureas madeixas enlêa
 Tudo quanto a vista alcança.

Nize hum pé alli não move ,
 Que não pize hum coração ,
 E Lizarda quando sóbe
 No baile a nevada mão
 Vai ferir no Ceo a Jóve.

Alamos , verdes salgueiros ;
 Os seus ramos encurvando ,
 Se vão unir aos fronteiros ,
 Dos quaes sempre estão cantando
 Passarinhos lisonjeiros.

Noite , e dia alli gorgêa
 O saudoso rouxinol ,
 Que parece se recrea ,
 Em cantar , que o claro Sol
 Não vê , como esta , outra Aldêa.

Em seus campos o Ceo quiz
 Que eu nascesse : meus Pais ternos,
 Filhos do mesmo Paiz;
 Já entre os braços maternos
 Me ensinavão a ser feliz.

Adorar o Ser Eterno,
 Servir a Patria, e o Rei,
 Tributar-lhe amor interno,
 Filho, dizião, eis a Lei
 Que o Ceo manda, e teme o Inferno.

Ao som desta sã verdade
 Entrei na infancia, e sahi:
 Se usei mal da liberdade,
 Se alguns crimes commetti,
 São propios da prima idade.

Roubava os ovos aos ninhos,
 Feria as aves, atava
 Nos cordeis os passarinhos:
 No rio ao anzol pescava
 Os innocentes peixinhos.

Quando no Graça deitava,
 Meu barquinho de cortiça,
 Se o dos outros velejava
 Melhor, que o meu, sem justiça,
 Entre as agoas o affogava.

Nestes infantis cuidados
 Désfrutei meus verdes annos;
 Contra mim não tinha os fados,
 Contava, livre de enganós,
 Dias bemaventurados.

Fui crescendo, e o meu estado
 Pelos meus se me pôz livre;
 Na Patria Lingua educado
 Me dei á que fez o Tibre
 No mundo tão respeitado.

No Doiro aprendi essa arte,
 Gloria de Athenas, e Roma,
 Que mais, que as armas de Marte,
 Brilha, vence, encanta, doma,
 E o doce praser reparte.

Tres lustros contava, quando
 Este exercicio deo fim,
 Logo o genio consultando
 A mudar de vida vim
 A's margens do Téjo brando.

Dois annos alli gastei,
 Entre o plácido socego:
 Depois ás margens passei,
 Que banha o claro Mondego;
 Aonde alegre habitei.

Sábio Mestre, que o Ceo têm;
 Me ensinou a grão doutrina
 Da verdade; e lá também
 Principio dei á que ensina
 Os dotes do summo Bem.

Nos mezes, que a Sábia Pallas
 Destina ao repouso brando:
 E que em bem dispostas alas,
 Seus alumnos vão buscando
 As costumadas escalas:

Aos campos, que o Tójo lava,
 E que Scalabis domina,
 Também socego buscava,
 Sem prever inda a ruina,
 Que a Discordia semeava.

Esta Furia, Mái fatal
 De intrigas, odios, de guerras,
 Alli derramou seu mal,
 E innocente vi as terras
 D'aurea Ceres liberal.

Na Cidade, a quem deo fama
 Sertorio, nobre Romano,
 E que Geraldo, por trama,
 Tomou ao vil Mauritano,
 Errante pelo Xarrama: (1)

Habitei, e alli deo fim,
 A fadiga do Mondego:
 Mudei de terra, mas vim
 Pisar outra, onde o Deos cégo
 Provou as settas em mim.

Nas

(1) Evora.

Nas margens do Freixo pobre
 De relvas, e claras agoas;
 Que mal hum cordeiro cobre,
 Onde agora puras magoas
 Publicação hum amor tão nobre.

Estavas, Tirce, em socego
 Cantando teu livre estado:
 Eu tambem no mesmo emprego
 Vivia, quando o Vendado
 Nos ferio com tiro cégo.

Alli, oh Deosa, perdi
 A liberdade com ella:
 Troia de Amor, onde ardi,
 Foi o Freixo, doce estrella!
 Minha gloria foi alli.

Vi de Tirce os olhos bellos
 De Amor mais rico thesoiro:
 Vi seus dourados cabellos
 Que inveja causão ao Deos loiro,
 Que por seus raios quer tellos.

78 A S S A U D A D E S

Seu formoso rosto vi,
Se quando o vi não ceguei;
Alma, e vida lhe rendi,
E no pouco que lhe dei
Maior premio recebi.

Hum meigo riso escapando
Por entre os dentes de neve,
Que dois rubis vão cercando,
Foi o grão premio que teve,
Por então, meu peito brando.

Fervorei mais meu Amor,
Attendeo-me terna, e logo
Perdeo a nevada cor;
E entre chammas de fogo
Sahio-lhe ao rosto o pudor.

Ao travéz do honesto pejo
Raiava minha esperança:
Fallo mais, insto, forcejo,
Eis me diz: Pastor descança,
Sou tua: se he teu desejo.

Ouvindo esta voz os ledos
 Passarinhos gorgearão:
 Sobre os cavados penedos
 Do Freixo as agoas saltarão,
 E os gados ficarão quedos.

Em torno de nós brincava,
 Ora ladrando, ora mudo,
 O rafeiro, que a guardava;
 E Amor, que fallava em tudo,
 Nossas glorias festejava.

Seu terno peito pulando,
 Sobre o cóllo de alabastro,
 Se via, Ceos! chamejando,
 E no meu, qual lúcido astro,
 Seu fogo estava lançando.

Abrazados os dois peitos,
 Neste de Amor vivo lume,
 Prezozos com laços estreitos,
 Juramos ao Gnidio Nume
 De guardar os seus preceitos.

80 A S S A U D A D E S

Nas faias nossas prizões
Gravámos para memoria;
Qual guerreiro, que em padrões
De jaspe grava a victoria
De Mavorcios esquadrões.

Nossas frentes enramámos
De triunfal, verde loiro:
Felices dias contámos,
Foi a nossa idade d'ouro
Aquella, que assim passámos.

Sendo Amor menino cego,
E ás vezes traidora guia,
Não senti desassocego,
Nem erros, quando seguia
Com Tirce tão caro emprego.

Queria amar, ser amado,
Vêlla só, ser della visto,
Termos hum mesmo cuidado:
Se isto he culpa, era só nisto,
Em que vivia culpado.

A este tempo já a sorte,
 Sempre aos amantes impía,
 Alçava a foice, e no córte
 Da dura ausencia se ouvia
 Tambem o pregão da morte.

Raiou finalmente o dia
 Do cruel apartamento;
 A sorte, e Amor combatia
 Venceo aquella, oh tormento!
 Deixei 'Tirce, oh tyrannia!

Deixa, ó Deosa, que a pintura
 Te occulte da despedida;
 Que temo, que a Parca dura,
 Que então me seria vida,
 Me dê hoje a sepultura.

Musa, supprime os suspiros,
 Os prantos, os ternos ais,
 Os queixumes doloridos;
 Esses desmaiios mortaes,
 Em que nos viste envolvidos.

82 A S S A U D A D E S

Deixa em silencio os clamores
Feitos contra os Ceos, e fados;
Que mil raios vingadores
Podem vir dos Ceos irados
Inda punir meus furores.

Não pintes Tirce formosa
Expirando entre meus braços,
Murcha a linda côr de rosa,
E de espaços a espaços
Inda arquejando anciosa.

Não lembrem cruéis Adeos,
Verdugos de amantes peitos:
Os tristes confortos meus,
E sons das vozes desfeitos
No triste encontro co' os seus.

Nem esse fatal momento
Da mais triste madrugada,
Em que entregue ao meu tormento,
Sem vida, sem minha amada,
Só queixas soltava ao vento.

Adeja ás margens do Graça,
 Aonde os passos guiei:
 Conta quanto lá se passa,
 E a ventura, que encontrei
 Na minha mesma desgraça.

Pisei, ó Deosa, as aréas
 Dos meus caros patrios lares,
 Qual o réo, que entre cadéas,
 Passando empolados mares,
 Vai pisar terras alhéas.

O Graça, e risonhos prados,
 As flores, de que se ornavão,
 Os arvoredos copados
 A côr sombria tomavão
 De meus tyrannos cuidados.

Meus Pais queridos penhores,
 Que inda me conservão os Ceos;
 Os meus pueris amores,
 Parentes, amigos meus
 Vestião das mesmas côres.

84 A S S A U D A D E S

Feias noites me erão os dias
Ausente de Tirçe bella ;
Em vão pelas margens frias
Triste bradava por ella :
Só tu , éco , respondias.

Huma tarde , em que girava
O brando rio entre queixas ,
Vi huma Nynfa , que andava ,
Soltas as loiras madeixas ,
Pastorando , e assim cantava :

Justos Ceos que hum terno peito
Me déstes , porque razão
Me não dais a quem sujeito
Entregue meu coração ,
Em chammas de amor desfeito ?

Tem as aves amadores ,
A féra as mais féras ama ,
As flores beijão outras flores :
Tudo por amor se inflamma ,
Só eu vivo sem amores ?

Frias agoas que passais
 Se extinguís o fogo ardente;
 Porque razão sustentais
 No seio vosso, o que sente
 O peixe, que em vós criaís?

Cheguei á Nynfa, eis que vejo
 De Tirce o rosto Sobrano:
 Cégo fico, em vão forcejo
 Por saber o desengano,
 Pois só encontro o desejo.

Pouco a pouco se aclararão
 Os meus olhos, e a par delles,
 Os do meu Bem scintillarão;
 Vi seus cabellos, e aquelles
 Encantos, que me roubarão.

Das queixas me não lembrava,
 Que escutei á Nynfa bella;
 Porque impossivel julgava
 Haver outra igual áquella,
 Por quem amante bradava.

86 A S S A U D A D E S

Só entregue á fantasia
Exclamei, Tirce formosa,
Quem te trouxe á margem fria
Do meu Graça? que piedosa
Divindade a mim te guia.

Se vens fazer-me feliz,
Caro Bem, quem te retarda?
Eis-que a bella assim me diz:
Não sou Tirce, sou Lizarda
Pastora deste Paiz.

Alli me disse quem era,
Que Pais, e que vida tinha;
Que nesta Aldeá nascêra,
Que na sua infancia, e minha
Inclinação me tivera.

Dei-lhe assenso, que em seu peito
Fallava a verdade bella:
Contei-lhe então quão sujeito
Vivia a Tirce, e que della
Via o retrato perfeito.

Teus olhos, gentil Pastora,
 Lhe disse em fogo abrasado,
 Onde Amor co' as Graças mora,
 Teu niveo rosto engraçado
 São da que meu peito adora.

Tuas vozes de ternura,
 Brando genio, meigo olhar,
 Do teu sorriso a doçura,
 Teu lindo corpo, teu ar,
 De Tirce tudo he pintura.

Parece que se ligarão
 O Amor, e a natureza:
 Que vossos corpos formarão
 Iguaes, e de igual belleza
 Que as vossas almas ornarão.

Se estas bellas perfeições
 Preso me tem, ó Lizarda,
 Se as mesmas tens, que razões
 Me embaração? Quem retarda
 As minhas adorações?

88 A s S A U D A D E S

Se tambem tive a ventura
De a Tirce me ver acceito ;
Se tens a mesma ternura ,
Não me entregarás teu peito ?
Só nisto queres ser dura ?

Isto disse , e a Nynfa amada ,
Volvendo os olhos ao Ceo ,
Suspirou , ficou turbada ,
E tornando a si me deo
Tremulando a mão nevada.

Sobre meu peito a levei ,
Ternos beijos lhe imprimi ;
Jurou Lizarda , eu jurei
De guardar-mos desde alli
De Amor a Sagrada Lei.

Não fui aqui transgressor
Do primeiro juramento :
Fui fiel executor
Do Sagrado mandamento ,
Da Natureza , e d'Amor.

Jurei de amar com firmeza
 Em Lizarda a Tirce bella:
 De conservar sempre illesa
 Pura fé, a esta, e áquella,
 Thesoiros de igual belleza.

Contar-te, ó Deosa, os extremos,
 Que o nosso amor corearão;
 Os prazeres, que tivemos,
 As venturas, que passarão
 Nos dias, que alli vivemos.

Seria mais que contar-te
 Areas, flores, que Jove
 Nos mares, campos reparte:
 Tudo o que existe, e se move
 Nos Ceos, terra, e em toda a parte.

Que vezes meu patrio rio
 Que tantos segredos guarda,
 Me ouvio, n'hum bosque sombrio
 Cantar a terna Lizarda
 Co' as aves ao desafio.

90 A S S A U D A D E S

Hum tronco alli se não vê,
Que não tenha em si gravado
O meu amor, minha fé;
E a par della entalhado
Seu nome, quem o não lê?

Não havia linda flor,
Niveo jasmim, benmequer,
Rosa de purpurea côr,
De que não fosse tecer
Huma croa ao meu Amor.

Que vezes a fantasia,
Além dos pólos errante,
De Amor guiada; fazia
Hum novo mundo brilhante,
Que eu a Lizarda offrecia.

Já o vellocino d'oiro,
Os diamantes, que encerra
Gangês, Indo, Téjo, Doiro;
Ricos despojos de guerra
Erão pequeno thesoiro.

Té mesmo, ó Jove (perdôa
 O sacrilego attentado)
 A fantasia a ti vôa
 A roubar-te esse adorado
 Sceptro, que por tudo isôa.

Com que gloria lhe offertava
 Os mimos, que possuia!
 Com que prazer lhe contava
 Quanto a leve fantasia
 A seu sabor figurava.

Mas por ventura meu Bem
 Deixou de ter mais primor?
 Oh! quem pudéra, oh quem
 Gozar os mimos de amor,
 Que hoje á memoria só vem!

Que doce riso entre abraços!
 Que prazeres! que alegrias!
 Que ternuras!... mas meus passos,
 Cançada Musa, onde guias
 Não vês por hum fio os laços?

Não vês já féra, inhumana
 Por bruto Midas mordida,
 Que as Leis de Astrea profana,
 Corta o laço, e á despedida
 Me condemna a mais tyranna?

Não vês convertida em pranto
 A alegria transitoria?
 Não te assombra o negro manto,
 Em que a noite rouba a gloria,
 Que ausente contigo canto?

Não escutas... oh! crueldade...
 Musa, suspende teu vôo;
 Deixa tudo á saudade,
 Não digas mais, que magôo
 O peito de huma Deidade.

Entre fallas, que fazia
 Meu Bem, e que os ais cortavão:
 Entre promessas, que ouvia
 Entre choros, que a banhavão
 Entre mortal agonia:

Deixei, Deosa, finalmente
 Sujeita á morte Lizarda;
 E parti, qual innocente
 Victima, que o pé retarda,
 Vendo a secure imminente.

Curvo barco me esperava
 No cáes da fresca ribeira:
 Bóreas a véla lhe inchava,
 E já a piscosa Torreira: (1)
 Veloz correndo aproava.

Ficavão os patrios oiteiros,
 E nelles Lizarda bella:
 Já se não vião salgueiros,
 Só branquejava a Ruella (2)
 Por entre verdes pinheiros.

O meu Graça murmurando,
 Curto espaço me seguio;
 E aonde está desagoando,
 Por despedida me ouvio
 Este Adeos suspirando.

Adeos

(1) Hum lugar de pescadores na Costa do mar.

(2) Huma parte da Villa de Ovar dividida da outra pelo Graça.

94 AS SAUDADES

Adeos , Patria , Campos , Graça ,
Berço da minha ventura ,
Adeos , ó Fortuna escassa ,
Quão pouco tua glória dura !
Teu prazer quão breve passa !

Adeos , meu Bem , quando os teus
Lindos olhos verei , quando !
Eu me aparto , ah ! praza aos Ceos
Que o triste Adeos , que te mando ,
Não seja hum eterno Adeos.

Praza ao Amor que inda algum dia ,
Voltando aos meus patrios lares ,
Entre os braços d'alegria
Suffoquemos os pezares ,
Que nos causa a sorte ímpia.

Quiz dizer mais , mas o pranto
A vista , e voz me roubou ;
Fugio-me a Patria , e em quanto
O Baixel não aportou ,
Fiquei n'hum subito espanto.

Mas já na praia arenosa
 A veloz quilha tocava,
 E vozeria ruidosa
 Dos pescadores soava,
 Lá junto a Thetis formosa.

Neste rumor recobrei
 Os quasi extinctos sentidos:
 Eis-que a Torreira avistei,
 A Torreira, onde queridos
 Passatempos já gozei.

Alli quantas vezes hia,
 Com meu Bem a passear!
 Quantas sobre as ondas via
 Thetis bella, que do mar
 A beijar-lhe os pés corria.

Tão bella em Delos Febêa
 Não passeava. Diana,
 Nem em Páfos Citherêa,
 Qual Lizarda Soberana
 Sobre a leve, e nivea arêa.

Deixei em breve a Torreira ;
 Toda a Marinha deixei :
 Vi Aveiro , vi Esgueira ,
 E em Souza , onde aportei ,
 Segui terrestre carreira.

Passando o claro Mondego
 Que saudades não senti !
 Lembrou-me a paz , e socego ,
 Que n'outro tempo sem ti ,
 Alli gozei Nume cego.

Mas ah ! quão pouco durou
 Esta justa saudade !
 A de Amor a desterrou ;
 Que á doce tranquillidade
 Nunca este Deos se ligou.

Com esta só no meu peito
 Passei montes , corri valles :
 A estes contava o effeito
 De Amor , áquelles os males ,
 A que vivia sujeito.

Sobre as margens do Nabão,
 Que banha a fresca Tomar,
 Foi campo meu coração
 De hum combate singular
 Entre Amor, e a sã Razão

Aos Campos de Santarem
 Esta dalli me guiava,
 Mas aquelle, que se tem
 Por seu rival, me arrastava
 Onde está Tirce meu Bem.

Clamava a Razão, que a Lei
 O mandava, e assim convinha,
 Bradando Amor, lhe escutei:
 Logo se execute a minha,
 Pois dos corações sou Rei.

Aqui a Razão irada,
 Réo lhe diz, és hum tyranho,
 Que do Rei a Lei Sagrada
 Não se apraz de sangue-humanô,
 De que a tua he rubricada.

98. A S SAUDADES

Que de Heróes não tens manchado!
Que puto sangue vertido!
Quantas guerras ateado!
Que ruinas, fero Gnido,
Tens nos peitos entornado!

Todo o mudo he fatal Scena
De teus estragos, traidor:
Por tua Lei foi Helena
Levar co' o seu roubador
A Troia a sanguinea pena.

Se não sêguisse teu erro,
Em sangue, e pó não morrerá
Páris torpe, Aquilles perro;
Nem Dido a vida perdêra
Na ponta do Teucro ferro.

Inda agora Sesto, e Abydos
Berços de Leandro, e Hero,
Entre prantos doloridos,
Maldizem teu poder fero
Na morte dos dois queridos.

No Ponto, que foi fatal o abismo
 A Helle, pois nelle morre, abismo
 Girando com passo igual
 Ecco das ondas á torre
 Triste chora o cruel mal.

Junto ao Sepulchro de Nino,
 Da grã Babylonia perto
 Pyramo, e Thisbe hum destino
 Proprio do teu desacerto
 Sentirão, Nume ferino.

As amoras que té então
 Erão brancas, rociadas
 Do sangue seu, hoje são
 Testemunhas das ciladas
 Da tua traidora mão.

Por diante hia, eis-que Amor
 Sem dar resposta á Razão
 Mais que nunca em viva côr
 Me pintou a perfeição
 De Tirce, em grão superior.

100 AS SAUDADES

Ao través dos olhos bellos
A saudade me pintou;
Que de mim tinha, e os desvellos;
Que lhe devi me mostrou
Nos loiros soltos cabellos.

Logo em quadro mais perfeito
Doirou a minha esperança;
E, unindo Tirce a meu peito,
Pintou a gloria, que alcança
Quem ao Amor vive sujeito.

Apenas tão doces laços
Tocárão meu coração,
Dirigi ao Freixo os passos,
Sem que as razões da Razão
Me servissem de embaraços.

Não d'outro modo o vendado
Triunfa da humana gente;
Representa o bem amado
Real bem, sendo aparente
Triste pensão! duro estado!

Mal, o' Deosa, caminhava
 Entre o remorso, e a paixão,
 Eis-que escuto, me bradava,
 Clara voz ao coração,
 E deste modo fallava.

Vai-te, ingrato, embora apaga
 Minha luz filha do Ceo:
 Segue o Nume, que te afaga,
 Que eu no futuro do meu
 Desprezo me vejo paga.

Serás desprezado ainda
 Por essa, que agora deixas;
 E tambem de Tirce linda,
 A quem buscas; terás queixas,
 E teu mal aqui não finda.

Outra terás deste nome
 Sempre a ti caro, e fatal!
 Amor, que entranhas só come,
 Lhe cava, para teu mal,
 A urna, que vos consome.



Em quanto essa Costa dura o
 Sulcares de Adamastor
 Tirce, soltando a alma pura,
 Terna victima de Amor,
 Descerá á sepultura.

Quando a Lisia desejada
 Chegares, Belmiro triste!
 Da tua gloria passada
 Acharás que só existe
 Cinzas, ossos, sombra, nada!

Calou-se a Razão, e ao Ceo
 Adejando se arrebatá;
 E eu, como triste réo,
 Cheguei onde a bella ingrata
 Ao fero Amor me rendeo.

Pállido o rosto, e cercado
 Do temor, que o peito opprime,
 Dos sentidos perturbado,
 N'alma, e corpo impresso o crime,
 Avistei seu rosto amado.

Mas qual Euro sibilante,
 No mar as nevoas sepulta,
 Tal Amor no mesmo instante,
 No réo coração occulta
 Os sinaes do réo semblante.

Tomando alegre figura
 A Tirce offreço meus braços:
 Mas que vejo? oh sorte dura!
 Tirce retrocede os passos,
 Foge de mim a perjura.

Com a vista immovel fico
 Na tyranna, que fugia;
 E a mente logo applico
 A' desconcorde porfia
 Nos Campos do Nabão rico.

Alli tive por ficção
 Quanto Amor lá me pintou:
 Por verdadeira a Razão,
 Mas Tirce tudo mudou
 Rompendo nesta expressão:

104 A S S A U D A D E S

Volta , cruel , corre , passa
Onde tens tua ventura ;
No Freixo a gloria he escassa ,
Nem temos a formosura ,
Que tem as Nynfas do Graça.

Vôa aos braços da rival ,
Que tantos encantos tem ;
Meu amor já nada val ;
Não queiras deixar hum bem ,
Para buscares hum mal.

A esta voz , que do peito
Tirce ardente fez nascer ,
Mudei logo de conceito ;
Que faceis somos em crer
Naquillo , que nos he acceito.

Conclui da falla dura
Que esta ingrata era constante ,
Que me guardava fé pura ;
Porque os zelos são do amante
Coração prova segura.

Empenhei-me em socegalla
 Meu delicto confessando,
 Se era delicto adoralla,
 Que isto fiz ausente, amando
 Lizarda, que em tudo á igualla.

Jurei pelo Ceo, e terra
 Que eu era seu, ella minha,
 Que illesa meu peito enterra
 A pura fé, que lhe tinha,
 Mas a teima não desterra.

Nesse tempo, em que seu erro
 Quiz arrancar, mas em vão,
 Meu Pastor mais q' ella perro
 Me assignou com ferrea mão
 No Téjo novo desterro.

Cruel, lhe digo, eis o dia
 Da tua maior ventura:
 Por ordem de quem me guia
 Vou soffrer n'outra espessura
 Penas, que eu não merecia.

Goza em paz novos amores,
 Que no teu peito alimentas;
 E deixa os zelos traidores,
 Com que destruir intentas
 Meus bem fundados temores.

Eu parto co' o meu tormento
 Entregue ao rigor da morte,
 Mas té ao final momento
 Serei teu, tu o meu norte;
 Que este foi o meu juramento.

A isto a bella homicida
 Só com prantos respondeo;
 Não sei se já arrependida
 Do novo amor, se do meu,
 Inda sem mancha, ferida.

Ou talvez fosse, se he certo
 Que me adorava, e adora,
 Por ver o meu desacerto
 Em criminalla traidora,
 Ou ver-se d'ausencia perto.

Sei só que nesta incerteza
Parti, e na mesma a deixo:
Que sempre esta céga empreza
De Amor, contra quem me queixo,
He vária; não tem firmeza.

Ao sitio do meu degredo,
Da tristeza eterno abrigo,
Quasi morto cheguei cedo;
E lá sepultei comigo
O meu amante segredo.

He o sitio hum cotovelo
Dos Campos de Santarem;
Da Saude o nome bello
Lhe dão, mas só lhe convem
O da doença amarello.

Serra silvestre o rodêa
Por tres lados, d'outra o Téjo,
Quando a campina traz chêa,
Lhe imprime com fatal beijo
Montões de miuda arêa.

108 A S S A U D A D E S

Verde Loiro, alguns Pinheiros,
Carcomidas Oliveiras,
Huns sobre erguidos oiteiros,
Outras pelas ribanceiras
Fazem seus ares trigueiros.

No centro jaz semeada
Breve cerca de verdura;
De vario fruto he bordada;
E á sua ilharga murmura
Huma fonte prateada.

Debaixo de escuro véo
Da triste noite alli geme
Mocho, prole de Nycteo;
E Filomela inda teme
O castigo de Tereo.

Este, em poupa convertido,
Voando a persegue em vão,
E a Progne, que o querido
Itis, mudado em Phaisão,
Fez comer a seu Marido.

Ao triste som destas aves, que em
 N'outra idade. Nynfas bellas,
 Misturando sons suaves,
 Tambem lá chorei com ellas
 De Amor, desgraças mais graves.

Sobr' oiteiro, que a memoria
 Conserva da saudade,
 (Talvez por amante historia
 De longinqua antiguidade)
 Chorava a passada gloria.

Dalli o Téjo avistava,
 Verdes campos, altos montes;
 Tambem de lá divisava
 Os distantes horizontes,
 Onde o Freixo murmurava.

Os olhos nelles fixando,
 Os olhos de pranto rasos,
 Passava tardes, passando
 Pela memoria esses casos
 De hum amor tão memorando.

QIO A S I SIAU D I A D E S

Já me lembrava o começo, e o fim
Deste amor, já o seu fim: e o fim
Nesta lembrança esmoreço,
Com aquella torno a mim, e o fim
Mas n'humã, e n'outra padeço. A e D

Dalli mesmo a vista passa, e o fim
E o pensamento ao norte: e o fim
Alli a gloria do Graça, e o fim
Represento, logo o córte, e o fim
Da minha fatal desgraça. e o fim

Nem ficou no esquecimento, e o fim
O combate do Nabão, e o fim
Do Deos cégo o vencimento, e o fim
Profecias da Razão, e o fim
Meu castigo, e meu tormento. e o fim

Nesta alternativa dura, e o fim
De meus successos vivia, e o fim
Eis-que maior desventura, e o fim
Dura carta me annuncia, e o fim
Na morte de Nynfa pura: e o fim

D E B E L M I R O A I I I

Estavas , linda Eufrosina
 Nos campos do patrio rio,
 Quando a cruel Libitina
 Te cortou o vital fio,
 Se morre quem he divina.

Gloria do Graça, e dos Pais
 Era, o' Deosa, a Nynfa bella:
 Tinha do Ceo mil sinaes
 Foi na terra clara estrella,
 Hoje no Ceo brilha mais.

Sua morte foi sentida
 Da natureza em geral!
 Chorou-a a flor mais luzida,
 De quem foi original
 Na belleza, e curta vida.

Os ternos Pastores tanto
 A sua perda sentirão,
 Que na campa, em triste canto,
 Por epitafio inda girão
 Sentidos ais, justo pranto.

LII AOSA SIA VIDA DEIS

Eu só ausente não pude vir ,
Chorar sobre a cinza fria ;
E apenas a Musa ruda me a obvia
Cantou , em triste Elegia ,
A sua immortal virtude.

Juntando este mal cruento
Ao meu amante pezar ,
Vim expôr-me ao mar , e vento ,
Para ver se o vento , e mar
Esquecião o meu tormento.

Depois que deixei o Téjo
Tenho grã parte sulcado
Do mar , mas inda não vejo
Nem meu tormento apacado ,
Nem completo o meu desejo.

Antes cruel saudade
Faz ao peito crua guerra ,
Sem poder a variedade
Do Ceo , mar , e estranha terra
Remover tal crueldade .

Os ventos , que sibilavão
 Com furia sobre o Baixel
 As vélas pelo ar levavão,
 Só minha pena cruel ,
 Mais os ventos radicavão.

Era então que eu mais sentia
 O rigor de minhas magoas ;
 Porque o mar aberto via ,
 E julgava que entre as agoas
 Sem ver meus Bens morreria.

Fatal encontro na Linha
 Tive desse undoso Nume ;
 Que para a Corte Marinha
 Me pediu , como he costume ,
 A Tirce , e Lizarda minha.

Expressar-te qual fiquei ;
 Apenas cheguei a ouvir
 As ordens do fero Rei ,
 Se lá o pude sentir ,
 Expressallo aqui não sei.

114 AS SAUDADES

Sei que a Deosa de Cithéra
Unida á Marinha Juno ,
Que no mar Rainha impéra ,
Conseguirão que Neptuno
Não seguisse atenção féra.

Sem allivio , e sem conforto
De hum mal a peor passando ;
Para glorias sempre morto ,
Por longos mares penando ,
Dei fundo neste teu porto.

Eis-aqui , Deosa ; em resumo ,
A minha vida , e historia
De amor , em que me consumo ;
Seus damnos , e a leve gloria
Que passou , qual leve fumo.

Vê quanto soffrido tenho
Sempre entregue a dura guerra ;
E saberás porque venho
A buscar estranha terra ,
Encerrado em curvo Lenho.

Venho procurar aquella
 Fortuna, que de mim foge,
 A ver se consigo della
 O que me nega até hoje,
 Mas que vejo! não és ella?

Ah! perdoa, Deosa, a hum cego;
 Que tégora costumado
 A não ver-te, e sem socego,
 Nos males, que te hei contado,
 Dos olhos não fez emprego.

Agora que as tuas vestes,
 Teu ar, teu riso conheço,
 Por essas prendas celestes,
 Rendido a teus pés te peço,
 Que teus favores me prestes.

Tu, Fortuna, a quem o mundo
 Por Deosa tutelar tem;
 Que por teu saber profundo
 Destróes o mal, e por quem
 Só reina o prazer jucundo:

Tu, que és a vida de Amor,
 Dos Amantes fixo norte,
 Soccorre hum triste pastor,
 Que entregue aos golpes da morte
 Vem procurar teu favor.

Não te peço aurocos thesoiros,
 Que neste Paiz encerras:
 Não as palmas, nem os loiros,
 Por quem os Heróes nas guerras
 Se transmittem aos vindoiros.

Esses bens, que o mundo chama
 Riqueza, e essa alta gloria,
 Que decanta a immortal fama,
 Nem se quer sóbe á memoria
 De quem por Amor se inflamma.

A posse do Bem amado
 Sem receio de perdello;
 Passar a vida a seu lado,
 Eis a ventura, e desvéllo
 De hum Amante afortunado.

Esta que té aqui não gozo ,
 Te peço , Fortuna bella ,
 Ou no Freixo saudoso ,
 Ou entre os braços daquella
 Nynfa do Graça vistoso.

Que minha amada perjura
 Me não seja , humilde rogo ;
 E que empegas essa dura
 Morte , que abrasada em fogo
 A Razão contou futura.

Não deve trágica Scena
 Succeder a hum prazer terno :
 Nem Amor he gloria , he pena ,
 E peor inda que o Inferno ,
 Se á dura morte condemna.

Se não podes annullar
 Tanto mal , e pezar tanto ,
 Sem que eu desista de amar ,
 Destróe já , ó Deosa , quanto
 Ao amor póde arrastar.

118 AS SAUDADES

Cerrem-se os olhos, por onde
Entra o fero, e lisonjêa:
Tambem o peito em que esconde
A paixão, que, qual Serêa,
A seus desejos responde.

Sepulta no abysmo escuro,
Onde o Lethes volve as agoas;
Amor passado, e futuro;
Que á custa de tantas magoas
Amor he tormento duro.

Eis toda a falla, que alli
Fiz á Fortuna traidora:
Logo entre risos lhe ouvi
Mil promessas, que tégora
Inda cumpridas não vi.

Prometteo-me que seria,
Contra o poder da desgraça,
Meu amparo, e minha guia;
E que no Freixo, ou no Graça
Altas glorias cantaria.

Que não temesse da fera
 Ausencia os duros escólhos ;
 Que o costume de Amor era
 Levar por meio de abrólhos
 A's delicias de Cithéra.

Isto disse , e sem fallar
 Na morte da Nynfa bella ,
 Volteja a roda , eis hum mar
 De leite vi , mas com ella
 Nas pedras logo quebrar.

Entre o susto , e a esperança
 Ao Baixel me recolhi ,
 Repassando na lembrança
 Quanto nesta Scena vi ,
 De alegre , e triste mudança.

Mas como , por natural
 Inclinação dos humanos ,
 Cremos no bem , e mais val
 O que queremos , que os damnos ,
 Que offrece hum futuro mal :

Entreguei-me á doce idéa
 Dessa gloria promettida ;
 Sem temer que a Parca fêa
 Cortasse os fios da vida
 A quem por Amor se enlêa.

Já nos braços da ventura
 Me julgava satisfeito ,
 Quando tu , saudade pura ,
 Ferindo meu terno peito ,
 Me cobriste de amargura.

Com ella sempre a meu lado ,
 Passeando as margens mansas ,
 Ao mesmo sitio encantado ,
 Hia nutrir esperanças
 Do futyro , doce estado.

Hum dia que á sombra parda
 Repetia com ternura
 Os nomes , que o peito guarda ,
 Ouvi soar na espessura
 Tirce , Lizarda , Lizarda.

Tremulante os passos guio
 Ao som dos nomes suaves ;
 Eis-que n'hum ramo sombrio
 Vejo duas lindas aves
 Cantando-os ao desafio.

Perturbado immovel fico,
 Credo que isto illusão fosse ;
 Mais attento a vista applico,
 Hum, e outro nome doce
 Sôão no torcido bico.

Logo julguei ser presente
 Da Fortuna as verdes aves,
 Para allivio do ausente
 Coração, que penas graves,
 Longe das Amadas sente.

A' Deosa pedi, e ao Amor,
 Que em tudo tem grão poder
 Como astuto caçador,
 Me ensinassem a colher
 Este par encantador.

Sobre odoríferos braços
 De murta, que Venus guarda,
 Em dois distinctos espaços,
 Entalhei Tirce, e Lizarda,
 E debaixo armei dois laços.

Alli os nomes saudosos
 Tres vezes fiz resoar:
 E com passos vagarosos
 Fui o successo esperar
 Detrás de arbustos frondosos.

Mal as aves escutarão
 Estas vozes, adejando
 Sobre os dois ramos pousarão;
 E os lindos nomes beijando
 Prezas nos laços ficarão.

Corro veloz; nellas pego,
 E entre affaveis caricias
 Minha boca ás suas chego:
 Chamo-lhes minhas delicias,
 Do meu amor caro emprego.

Vós sereis , lhes disse mais
 Compondo suas pennas varias ,
 Testemunhas de meus ais ,
 E fiéis depositarias
 De meus amores fataes.

Vós , a quem deo Natureza ,
 Papagaios matizados ,
 Branda voz , rara belleza ,
 Vinde ouvir graves cuidados ,
 Em que vive esta alma preza.

Dalli forão nomeados
 Hum delles Freixo , outro Graça ,
 Nomes dos rios amados ,
 Cuja memoria não passa ,
 A pezar da ausencia , e fados.

Dalli a Lizarda offreço
 O meu Graça , e a Tirce o Freixo ;
 Nestas offertas padeço
 Mil saudades , e me queixo
 Contra Amor em tudo avesso.

Entre esperanças traidoras ,
 Que a Fortuna doirar quiz ,
 Erão já cincoenta auroras
 Passadas neste Paiz
 Ao som de pesadas horas.

A este tempo já prestes
 A partir se achava a frota ;
 E os gemeos Signos Celestes
 Annunciavão a derrota ,
 Livre de tempos agrestes.

A' sombra das Lusas quinas ,
 Nos Baixéis se recolhião
 Os ricos filhos das minas ,
 Co' o peso dos quaes rangião
 As espadoas Neptuninas.

Era o oiro alto motor
 De roubos , guerras , traições ,
 Puros rubis , cuja cor
 Tanto prende os corações ,
 Que seguẽ o venal amor.



CANTO IV.

NO fim do mez, que a Mavorte
 Consagrou Roma atrevida,
 Fez a Capitania forte
 O sinal para a partida,
 Pondo a quilha ao fixo norte.

Na prima tarde de Abril,
 Quando já Flora povoa
 Os campos de flores mil,
 Partimos para Lisboa,
 Deixando o vasto Brasil.

Sobre a Collina elevada,
 Que borda a rica Bahia,
 Multidão apinhoada
 Se juntou, e de lá via
 Velejar a Lusa Armada.

De lá soavão os Adeos ,
 E me deixes Brasileiros ;
 Onde vão Amores meus
 Ingratos , e lisonjeiros
 De voces me queixo aos Ceos.

Não movêrão os Lusos peitos
 As Americanas Circes ;
 Porque aos mágicos preceitos
 Das Lizardas , Jonias , Tirces
 Vivem na Patria sujeitos.

Já fóra da barra ao pólo
 Arctico a frota aproava :
 Mais a mais bramia Eólo ;
 Talvez por ver que beijava
 A Thetis o loiro Apóllo.

Dezeseis Baixeis de Marte
 Já por ordem navegavão ;
 E os Mercantes d'outra parte
 Tambem aos outros mostravão ,
 Que da Marinha tem arte.

Ao mais bello, e claro dia
 Succedeo terrivel noite:
 Parece que o mar se abria,
 E que Eólo com o açoite
 Dos ventos tudo affundia.

A Capitania perdeo,
 A pezar de forças mil,
 Na tormenta hum mastarco;
 E a Princeza do Brasil
 N'hum choque o Grupés rendeo.

Na Bahia diluidas
 Forão pelos feros ventos
 Antigas casas luzidas:
 Donde aos Ethereos assentos
 Voárão mil tristes vidas.

De prenhes nuvens toldados
 Todo o mez se virão os ares;
 Chuveiros petrificados
 Bradavão que em novos mares
 Estavão os Ceos transformados.

O Nume da quarta esfera,
 Que alegre o mundo festeja,
 Porque nelle tudo gera,
 Se julgava na peleja
 Que morto por Eólo era.

Nesta desordem fatal,
 Em que envoltá se julgava
 A natureza em geral,
 A lassa frota vagava
 De hum mal para novo mal.

Sobre a Costa, a quem dominas,
 Tu, Olinda florecente,
 Se virão as Sagradas quinas
 Levadas pela corrente,
 Tocando as finaes ruinas.

Se por mais tempo as escuras
 Trévas da noite durassem,
 Talvez que as donzellas puras
 De Pernambuco chorassem
 Sobre nossas sepulturas.

Mas a Aurora refulgente,
 De seu Zefiro ajudada,
 Pôz ao largo a Lusa gente;
 Arrancando a forte Armada
 Deste destroço imminente.

Assim Abril se passou
 Entregue ás fúrias de Eólo,
 Até que Maio chegou;
 E com elle o Delio Apóllo
 O máo tempo desterrou.

Táo belló, e veloz sahia
 Dos braços da roxa Aurora;
 Que nas graças parecia
 Querer pagar a demora,
 Qué por hum mez fez ao dia.

Em torrio delle hum tropel
 De brandos Favonios vinha:
 Cada qual do seu Baixel
 Tomou posse, e á quente Linha
 Conduzio sempre fiel.

Alli em vão se esforçarão
 Passar ávante, pois logo
 Calmas tão grandes baixarão,
 Que mais vorazes, que o fogo,
 Brandas azas lhes queimarão.

Ao sabor de hum mar dormente
 Vagou a frota alguns dias:
 Que sustos meu peito sente,
 Lembrado das tyrannias
 Do Deos, que empunha o tridente!

Alli sóbe á fantasia
 O Neptunino tributo:
 Parece que alli surgia
 A mesma Scena, e que escuto
 De Tritão a voz impia.

A's Deidades de Gnido
 Aqui fiz humilde voto:
 E fui tão bem succedido
 Que improviso fresco Noto
 Nos tirou do sitio infido.

Não muito ávante passámos
 Com este vento nas vélas,
 Outros contrarios achámos,
 Depois calmas, e com ellas
 Mil damnos exprimentámos:

Putridas agoas lodosas;
 O mantimento corrupto,
 As cassimbas pantanosas
 Semeavão o escorbuto
 Pelas vidas preciosas:

Entumecimento forte
 De membros, gengivas, dentes;
 Se augmentava de tal sorte,
 Que annunciavão aos doentes
 A podridão, logo a morte.

Aqui cahe hum, outro expira;
 Este alli pede soccorro,
 Convulso aquelle se víra,
 Este outro brada, oh Ceos, morro!
 Por todos a Parca gira.

Deste mal muitos ao mundo vão;
 Adeos immaturos derão;
 E do pélago profundo
 A' fatal barca descêrão,
 Que rege Charonte immundo;

Seus frios corpos ficárão
 Em mar, e climas estranhos;
 E triste sepulcro achárão
 Nos escamosos rebanhos,
 Que té ossos lhes tragárão.

Nos outros Baixeis sinaes
 Tristes, no ar tremulando,
 Dizião tambem aos mais,
 Que a Parca lá vai cortando
 Os doces fios vitaes.

O mesmo General forte;
 Succumbindo á enfermidade,
 Vio a foice á crua morte:
 Mas o Ceo por piedade
 Suspendeo o fatal corte.

A' vista da cruel Scena,
 Que humano sangue regava,
 Ferido de aguda pena,
 Desta maneira invejava
 A campestre vida amena.

Mil vezes affortunados,
 O' vós, de Ceres cultores,
 Que do rebanho ajudados,
 Recebeis pingues favores
 Dos campos por vós arados.

Quando no calmoso Estio
 A sêde vos enfraquece,
 Por entre hum bosque sombrio,
 Puras agoas vos offrece,
 Murmurando o claro rio.

As arvores cento a cento,
 Curvadas co' o doce fruto,
 Vos dão vital mantimento,
 Não como o nosso corrupto
 Sobre o salgado elemento.

Vossas ovelhas vos dão
 A nivea lã, que vos cobre,
 E se traz chuva o Suão,
 Vos abriga a choça pobre
 Feita pela propria mão.

Se dormis, não a cordais
 Ao som das balas, que espantão:
 E se acordados estais
 Ouvis aves, que vos cantão
 Nos visinhos salgueiraes.

Longe das guerreiras gentes,
 Que atropelão a sã razão,
 Comvosco viveis contentes,
 E vossos costumes são,
 Qual vossa vida, innocentes.

Aureas riquezas fataes
 Não roubão vossos desvellos;
 E se algum oiro invejais,
 He o dos loiros cabellos
 Das bellas Nynfas, que amais.

Vosso trabalho , e cuidados ,
 Juntos á pura comida ,
 São tão bem equilibrados
 Que passais por longa vida
 Dias , annos sazonados.

Vida feliz , quão diffrente
 E's da ferrea vida nossa !
 O prazer mais permanente
 Ahí reina em breve choça ;
 Desgraças aqui sómente.

Terra , fogo , mares , ventos
 Mil vezes desenfreados ,
 Roubão aqui vitas alentos ;
 Tendo contra nós armados ,
 De mão dada , os elementos.

A terra , que se appetitece
 Como nossa Mãi commua ;
 Porque mais cedo apparece ,
 Como Madrasta a mais crua ,
 Laços de morte nos tece.

O fogo, qual vivo Inferno
 Tudo abraza, e leva aos ares:
 Logo, quaes furias do Averno,
 Abre no centro dos mares
 Aos Nautas sepulchro eterno.

Queimada taboa boiante,
 Carcomida ferrea chapa,
 Alguma vida expirante,
 Se isto escapa, he quanto escapa.
 Do incendio devorante.

O fero mar fumegando,
 Por cima do curvo Lenho,
 Lados, juntas atacando,
 Quando o não soçobra, empenho
 Tem do naufragio nefando.

E vós feras travessias,
 Roucos ventos infieis,
 Que ruinas, que avarias
 Não derramais nos Baixeis,
 Por estas salgadas vias?

Quantas vezes grosso masto,
 Enxarcias, antenas, vélas,
 Pelos ares, e mar vasto,
 Servem, subitas procellas;
 A' vossa furia de pasto?

Que Troya, Roma, ou Carthago
 Pôde mandar tantas vidas,
 Como vós, ao Stygio lago,
 Nem abrir tantas feridas,
 Nem causar tão fero estrago?

Só tu, maldita ambição,
 Dos homens cruel verdugo,
 Podeste com ferrea mão
 Impór tão pesado jugo
 Sobre a humana geração.

Só tu... mas de balde tento
 Dizer mais, que de improviso
 Sobre nós cahe rijo vento,
 Torna-se bravo o mar liso,
 Em trévas o firmamento.

Mil estragos , que té alli
 Só a lingua publicava ,
 Diante dos olhos vi ;
 Hum Baixel desalvorava
 Acolá , e outro aqui.

Sobre o dorso de escarceos ,
 Que empollou Neptuno injusto ,
 O Gama co' os mastareos (1)
 Bateo no Olympto , e o busto
 Deste Heróe deixou nos Ceos.

Alli , qual Argo famosa ,
 Entre os Astros resplandece ;
 Sem receio da espantosa
 Peleja , que Eólo tece
 Contra a Armada bellicosa.

Deste barbaro conflicto
 De ventos , e vagas duras ,
 Se prova o que tenho dito ;
 E que são verdades puras
 Quanto ás gentes mando escrito.

As-

(1) *A Náo Vasco da Gama traz o busto do Heróe do mesmo nome entalhado na poppa.*

Assim passámos seis dias
 Sem ver o rosto á bonança,
 Vendo só nestas porfias
 Sepultada a esperança
 De ver Cinthias penedias.

Já declinava ao ponente
 Do seu curso o mez de Junho ;
 E o Piloto experiente
 Tinha posto o final cunho
 A longitude fallente.

Muitos navegavão a Leste
 Já do patrio Téjo rico ;
 Quando improviso Noroeste
 Nos mostra a Ilha do Pico,
 Que de nuvens se reveste.

Logo o risonho Faial
 Defronte nos apparece :
 De lá, Ceres liberal
 A's mãos cheias nos offrece
 Doce refresco vital.

Vendo o General prudente
 Longa a viagem, e que a Armada
 Faltas d'agoa, e outras sente,
 Pedio voto se a arribada
 Era, ou não, conveniente.

Aqui se virão quaes são
 Do serviço os varios modos;
 Todos vião a precisão
 De arribar, mas quasi todos,
 Menos tres, votão que não.

Todos vião a crueldade,
 Que a Parca alli exercia:
 Que chorava a humanidade;
 E que a Patria alli perdia
 Vassallos de toda a idade.

Todos conhecem que a terra
 Com frutos póde curar
 Os males, que a frota encerra:
 Mas pensarão que arribar
 Não era valor da guerra.

Pensarão que era fraqueza
 Não ir arrostar a morte;
 E que toda a Marcia empreza
 Não honra o fero Mavorte,
 Se não geme a natureza.

Porém, Musa, o vôo corta,
 Não entres no mar profundo
 Do Criterio, que te importa
 Que a fama, e gloria do mundo
 Caminhe direita, ou torta?

Deixa os caprichos humanos
 Girarem a seu sabor:
 Que se louvem os tyrannos,
 E se tenham por valor
 Ruinas, estragos, damnos.

Deixa que a sábia prudencia
 Por fraqueza hoje se tome;
 Por virtude a violencia,
 Que se ás cousas mudão o nome,
 Já mais lhes tirão a essencia.

Canta só que o General
 Contra os votos, feliz erro !
 Manda ancorar no Faial ;
 E que lá fica em desterro
 O pestifero, atroz mal.

Alli dos verdes oiteiros,
 Das manadas mesas lautas,
 Nos trazião os pegureiros,
 Ao som de rusticas flautas,
 Pingues bois, mansos cordeiros.

Loiras Serranas formosas,
 Nos lindos cabazes novos,
 Nos trazem frutas mimosas,
 Tenros frangos, frescos ovos,
 E as gallinhas paludosas.

Nem tu, Pico, nos faltaste
 Com a doce malvazia,
 Alli grã cópia mandaste ;
 E nos peitos á porfia
 Novos animos creaste.

Com este soccorro puro
 Do Pico, e fresco Faial,
 Tiramos do reino escuro
 Muitas vidas; e do mal
 Cada qual ficou seguro.

Dois dias nos demorámos
 Entre as duas ferteis Ilhas;
 Depois outra vez largámos
 Vélas ao vento, e as quilhas
 A' rica Lisia aproámos.



CANTO V.

TE' ao meio do inflammado
 Mez, em que Febo visita
 O Nemeo Leão domado,
 Sem successos, nem desdita
 Sulcamos o mar salgado.

Mas quando já declinando
 Hia Julho, e os Baixeis hião
 Aos patrios mares chegando,
 Fez-se sinal que se vião
 Duas vélas branquejando.

Hum fresco vento, que Eólo
 Das ferreas prizões desata,
 Nos mostrou, sem haver dólo;
 Huma náó, huma fragata
 Vindas do Arctico pólo.

Os Nautas por muitas vezes
 Fixão a vista nos Baixéis:
 Huns dizem que são Inglezes,
 Outros d'óc'los mais fiéis
 Apostão que são Francezes.

Estando nesta pequenã
 Contenda, lá sôa Marte;
 E no penol da mesena
 Tremûla o féro estandarte,
 Que arvorou na Galia o Sena.

Inda o tiro resôava
 Nos mares com vôz tyranã,
 Quando o nosso disparava;
 E a bandeira Lusitana
 Sobre os ventos ondeava.

Logo o forte General,
 Que sabe arrostar o prigo,
 Manda dar caça geral,
 E o pérfido inimigo,
 Que a sentio, foge do mal.

Quaes nos aridos oiteiros,
 Apôs a lebre fugaz,
 Podengos, galgos ligeiros
 Partem, vôão, e os detraz,
 Desejão ser os primeiros:

Taes os Baixéis Portuguezes,
 Pelas agoas Neptuninas,
 Perseguem os dos Francezes,
 Soltas as Sagradas Quinas,
 Vencedoras tantas vezes.

Mas a todos, qual falcão
 Contra a pomba despedido,
 Passa o veleiro padrão
 Do Gama, que vai regido
 Por destemido Varão.

Aqui o rouco tambor
 Arrufando a póstos chama:
 Da Patria a gloria, e amor
 Nos Lusos peitos derrama
 Invicto, Marcio valor.

Qual corre, vôa, tropeça
 N'outro, que partio primeiro,
 Qual chega á marcada peça,
 Qual encontra o companheiro,
 Que ás armas já se arremeça.

Aquelle, a quem dura sorte
 Entregue á doença tem,
 De seus braços, valor forte!
 Se arranca, e a seu posto vem
 Esperar honrada morte.

Os pagens, quaes as formigas,
 Que velozes vão levando
 A' cova o grão das espigas,
 Vão cartuxos carregando,
 Balas, e sulfureas ligas.

Duros canhões negrejando
 Nas portinholas se afferrão;
 E cem tranças fumegando
 Estão, nas chammas que encerrão,
 Mil danos annunciando.

Tudo com juizo, e arte
 Se dispõe para a peleja;
 E mandando em toda a parte
 Faz o Chéfe que se veja,
 No seu valor, novo Marte.

Suas sábias ordens vão
 Ao leme, á prôa, á manobra;
 Nada falta nesta acção;
 E por tudo as forças dobra
 Seu guerreiro coração.

Tambem tu, Musa, assustada
 Te não viste nesta Scena;
 Antes te vi animada
 Quando, arremessando a penna,
 Empunhaste aguda espada.

Porém que disseste, Musa?
 Brada que este facto he petra;
 Que lá sôa a voz confusa
 Do sombrio Anacoreta,
 Que por esta acção te accusa.

Vôa só apôs os teus
 Argonautas Portuguezes,
 Acompanha os Baixeis seus;
 E conta como os Francezes
 Baldárão nossos troféos.

Coberta de panno, e fogo
 Na frente o Gama se via,
 A Princeza a segue, e logo
 Ulysses, Venus; onde hia
 Tompse, Rodrigo, e Diogo.

Os outros Baixeis ficavão
 N'huma vista já escassa:
 Os inimigos voavão,
 E em tres horas de caça
 Sómente os seis se avistavão.

Já o Gama hia acostando
 Com o Francez, que fugia;
 Mas ah! que o Sol vai beijando
 As salsas ondas, e o dia
 Em negra sombra expirando.

Suspende a luz transitoria ,
 O' Febo, a noite rebate ,
 Faz brilhar a Lusa gloria ,
 Que só nos falta o combate
 Para alcançar a victoria.

Estas nossas vozes erão ,
 Mas em vão ao Sol voárão :
 Escuras trévas descêrão ;
 E tão depressa girárão
 Que o Francez nos escondêrão.

Qual na Lybica espessura
 Esfaimado leão gira ,
 E vendo a féra procura
 Dar-lhe morte, mas lha tira
 Denso bosque, ou noite escura :

Que depois, hirsuta a coma ,
 Com dura garra desfaz
 Pedras, troncos, onde assoma ;
 E nos estragos, que faz
 Julga que vingança toma :

Tal se via a Lusa gente,
 Vendo fugir-lhe o Francez,
 Aqui a espada luzente
 Despedaça, e calca aos pés
 Tranças, balas, fogo ardente.

Era tal a feroz ira,
 Que seus peitos accendia,
 Que té mesmo se lhe ouvira
 Praguejar a noite, e dia,
 Se a Lei Santa o permittira.

Vendo Paula, que regia
 Os quatro Baixéis da caça,
 Que esta baldada seria,
 Fez-lhes sinal, e se passa
 A' frota, que já não via.

Ao outro dia avistámos
 A forte Armada, e unidos
 Para a Patria navegámos,
 A quem de longe os sentidos
 Aváros de a ver lançámos.

Já nas agoas verdejantes
 As corriolas boiavão ;
 E mil gaivoças volantes ,
 Garrulando , annunciavão
 As praias pouco distantes.

Todos em breve esperavão
 Ver o grão Cábo da Roca :
 Linceos Nautas o miravão ,
 Em cujos olhos , e boca
 Os nossos fitos estavão.

No dia vinte e hum bradárão
 Terra , terra os Marinheiros :
 Mil gostos do Ceo baixárão ,
 Nunca sons tão lisonjeiros
 Nossos ouvidos tocárão.

Já de Cintra a fresca Serra
 Aos nossos olhos se offrece ;
 Dos mares a cruel guerra
 Não lembra , só se appetitece
 A vista da Patria terra.

O' vós, que o quadro pintais
 Do prazer, com vivas cores,
 Que ora bosques animais,
 Campos, jardins, lindas flores;
 Ora liquidos crystaes:

Que tomando outros pinceis
 Retratais Nynfas queridas,
 E com mimo lhes fazeis
 Dar beijos enternecidas
 A seus Amantes fiéis:

Que em fim bandos de cupidos,
 Com as tres Graças formosas
 A Venus todos unidos,
 Nos mostrais, lançando rosas
 Sobre corações rendidos.

Suspendei pinceis, e mão,
 Ponde freio á fantasia;
 Que estas pinturas não são
 Modéllos desta alegria,
 Que enriquece hum coração.

Pintai só as penedias
 De Cintra, que ao Sol se chega,
 Vistas lá das ondas frias
 Pelo Nauta, que navega
 Ha vinte sobre cem dias.

Este quadro sem igual
 Opacas sombras não tem:
 O gosto aqui he real,
 A gloria, o prazer, o bem
 Daqui afugentão o mal.

A par de tanta ventura,
 Já o porto se hia entrando:
 Quando a sorte aos do mar dura,
 Seu cruel poder mostrando,
 Tudo cobrio de amargura.

Do berço, onde nasce o dia,
 Fez soltar contrario vento,
 Que, sibilando á porfia,
 Nos impellio n'hum momento,
 Outra vez a Thetis fria.

Qual o triste passarinho,
 Que voltando da seara,
 Vê junto á boca do ninho,
 Das aves a mais avára
 Roubar-lhe o tenro filhinho;

Ou qual peito namorado,
 Que tanto soffrido tem,
 Que no instante suspirado
 De gozar seu caro Bem,
 Se vê do seu Bem privado:

Assim nós vimos perdida;
 A's portas de Lisia Augusta,
 Gloria tão bem merecida;
 E nossa alegria justa
 Nos peitos amortecida.

Entre a Roca, e Espichel
 Bordejámos, resistindo
 Ao vento sempre infiel,
 Ora vendo, ora sentindo
 Esta Scena a mais cruel.

A fresca Serra, e belleza,
 Que em torno della semêa,
 Sorrindo-se a Natureza,
 Parecia então por fêa
 Ser o imperio da tristeza.

Lisia, que té alli se via
 Rica dominando o rio,
 Velozmente nos fugia;
 E tomando hum véo sombrio
 A Régia frente cobria.

Sobre a rocha de Cascães,
 Onde o mar batendo estála,
 Sentimos ternos sinaes
 Das Nereidas, e a falla
 De seus ternissimos ais.

Chusma de Delfins velozes,
 Que junto aos Baixéis nadavão,
 Pulando, com roucas vozes,
 Ou sentião, ou publicavão
 Nossas desgraças atrozes.

Tres dias assim andámos
 Envoltos em Scena féra,
 Té que ao Téjo nos voltámos,
 Como se a culpa tivera;
 E deste modo o accusámos.

Téjo ingrato, porque cerras
 O teu porto ao Luso forte?
 Queres entre novas guerras
 Render-nos á crua morte
 A' vista das Lisias terras?

Por ventura somos nós
 Piratas da Barberia,
 Que entrando na tua foz
 Roubos levemos por guia,
 Ou qualquer peccado atroz.

Não somos os descendentes
 Desses, que seguindo os Castros,
 E os Albuquerque's potentes
 Enviarão além dos Astros,
 Teu nome, espanto das gentes?

158 A S S A U D A D E S

Não he por elles que abranges
No mundo remotos lares?
Não forão suas falanges
Quem levou, vencendo os mares,
Tuas Leis ao Indo, e Ganges?

Não vimos nós por teu mando
Do aurifero Brasil,
Vélas ao vento entregando,
Expostos a prigos mil,
Que está Neptuno espalhando?

Não he teu o grão thesoiro
Que trazem pejados lenhos?
Finas pedras, metal loiro,
Que satisfaz os empenhos
Teus, do Mondego, e do Doiro?

Não vem' em nossos Baixéis,
Por entre sanguineas guerras,
Os Pais, e Esposos fiéis
Das bellas Nympas, que encerras,
Talvez, como tu, cruéis?

Mas , Téjo , se não devemos
 Em ti descanso ter já ;
 Quaes filhos de Troia hiremos
 A novos climas , e lá
 Nova Patria fundaremos.

Em breve soberbo muro
 D'outra Lisboa recente
 Aos ares irá seguro ;
 Mas não ao pé de corrente
 De rio , como tu , duro.

Inda ao longe éco se ouvia
 Repetir o som final ,
 Quando ouvimos que sahia ,
 D'entre o liquido crystal ,
 Esta voz , que assim dizia :

Que he isto , Lusos , oh Ceos
 Que tanta fraqueza estranho !
 Onde estão vossos trofeos ?
 Que trabalho ha tamanho
 Que enfraqueça filhos meus ?

Que prigos , guerras , que damno ,
 Que mares , tormenta forte ,
 Que inimigos , que tyranno
 Póde assustar , inda a morte ,
 O peito de hum Lusitano ?

Vossos altos Ascendentes ,
 De quem tanto me fallais ,
 Sobre as ondas tumecentes
 Não soffrêrão muito mais ,
 Sem formar queixas ardentes ?

Quantas vezes repetindo
 O meu nome ao Indo , e Ganges ,
 No mesmo Ganges , e Indo ,
 Victimas de mil alfanges ,
 Forão para os Céos subindo !

Se pra o Templo da Memoria
 Ides por Marcios caminhos ,
 Não sabeis que a Marcia gloria ,
 Té ao fim por entre espinhos
 Encontra a fausta victoria ?

Que bellicoso ornamento,
 Que varão, ha celebrado
 Lá nesse do Elysio assento,
 Que não fosse aqui croado
 Pelas mãos do soffrimento?

Que p'rigos cercão o facundo
 Ulysses por mares tantos?
 Que damnos ao vagabundo
 Eneas, e Alcides quantos
 Trabalhos venceo no mundo?

Só a vós quem vos afasta
 Desta de Heróes nobre lista?
 Se o vil medo vos arrasta,
 Parti já da minha vista...
 Mas não, que sou Pai, e basta.

Vinde, filhos, que eu não creio,
 Que aos valentes Lusos peitos,
 Acovarde hum vão receio;
 Nem que esses antigos feitos
 Desfalleção em vosso seio.

Isto dizendo , o adorado
 Padre Téjo ao rio assoma
 D'aurea ramagem croado ;
 E o cóllo , e nevada coma
 De esmeraldas adreçado.

No bello rosto adoravel ,
 Que as rugas não assombravão ,
 Se via o prazer amavel ;
 E nos olhos , que brilhavão ,
 Hum acolhimento afavel.

Apenas vimos a sua
 Sacra Pessoa , velozes
 Baixamos a frente nua ;
 E elle com doces vozes
 Deste modo continúa.

Se depois de tanto prigo
 De ventos , e mar feroz ,
 Aqui hum vento inimigo
 Vos fechou a minha foz
 A razão eu vo-la digo :

Depois que a ausencia tyranna
 Vos privou de minhas filhas;
 E de Eólo a furia insana,
 Impellio as Lusas quilhas
 Para a praia Bahiana:

A saudade de tal sorte
 Seus ternos peitos ferio,
 Que na dureza do corte
 Cada qual dellas se vio
 Tocando a meta da morte.

Baldadas forão as razões,
 Que alleguei, para mostrar
 Que só por fortes acções
 Devião os Lusos gozar
 Seus amantes corações:

Que estes sempre costumados
 A' doce lingua do affago
 Temião os campos taladòs
 Do fero Marte; e o estragò
 Do mar, e ventos iradòs.

No centro destas idéas,
 Que Amor ministra sem dó,
 Não entre alegres Coréas,
 Passarão o tempo, mas só
 Chorando nas lapas fêas.

E como por ordem minha
 Devião tecer festões
 Para ornar, como convinha,
 Vossas frentes, ó Varões,
 Gloria da Lusa Marinha:

Forão precisos tres dias (1)
 Para que estes se acabassem,
 E que outros tantos nas frias
 Ondas os Baixeis cruzassem,
 Entre as duas Serranias.

Isto disse, e ao Ceo alçando
 Os olhos, como quem pede,
 Vimos Euro susurrando
 Desfazer-se, e lhe succede
 O doce Zéfiro brando.

CAN-

(1) Toda a Armada bordejou tres dias na barra, por ter vento contrario, e este assás forte.



CANTO VI.

ENfunadas brandamente
 As brancas vélas, as quilhas
 Cortavão em linha á corrente,
 Onde tantas maravilhas
 Obra o Téjo auri-potente.

Chegada onde o Padre estava
 A Capitânia famosa,
 Vimos que ao rio assomava
 Huma Corte magestosa,
 Que por ordem se arranjava.

Erão as Tagides queridas
 Honra, e gloria do Pai caro;
 Por quem agudas feridas,
 Tu, Amor, de sangue avaro
 Abres nas amantes vidas.

166 A S S A U D A D E S

Em verdes Tritões sentadas
As formosas Nynfas vem;
Humas as comas doiradas
Trazem soltas, e as tem
Outras, em aneis ligadas.

Lividos sinaes nos rostos
Inda se vião dos choros:
Mas, a través de mil gostos,
Da saudade os tristes fóros
Desamparavão seus póstos.

A hum doce riso se enlea
Subtil cheiro de jasmims,
Que por todas serpentea
Mais fino, que nos jardins
Paphios, que Venus passea.

Em alva concha marinha,
Que sustentavão tres dellas,
Vinhão croas, onde vinha
No meio com aureas vélas
Bordada huma não de Linha.

Huma na dextra paterna
 Toma o Padre alegremente,
 E a Ramires, que governa
 Toda a frota, cinge a frente
 Ao som desta falla terna:

Eis filho a naval coroa
 A teu serviços devida:
 Eu, Throno, Patria, Lisboa,
 Tos agradece, e a luzida
 Fama no mundo os pregoa.

He já tempo que em descanso
 Vás gozar de tanta gloria;
 Na urna teu nome lanço,
 E no Templo da Memoria,
 Em letras d'oiro, a affianço.

Não temas que o rio escuro
 Do Lethes o leve ao fundo,
 Que nos teus filhos seguro
 Brilhará no vasto mundo,
 Por minhas agoas to juro.

'A' Capitania realado
 Gama se seguiu primeiro :
 Aqui Paula foi croado
 Pelo Téjo, e de guerreiro
 Pelo mesmo assim louvado.

Illustre ramo de hum Tronco,
 Que me honrou na paz, e guerra,
 Já arrostando o bravo ronco
 De Neptuno, já na terra
 As Luas do Moiro bronco :

Esta, que a frente guerreira
 Hoje te adorna, e mereces,
 Não he inda a derradeira,
 Outra terás, que appeteces,
 Mais nobre, que esta primeira.

A Deosa da paz, e guerra
 Te mandará, Heróe forte,
 Entre o Zaire, e ardente Serra
 Leoa, arrostando a morte,
 Por servir a Patria terra.

Nas Ilhas Dorcádas, onde
 Medusa, Euriala, e Steno
 Mortas foram, lá se esconde
 O serpentina veneno,
 Que á sedição corresponde. (1)

Alli affeito empunhando
 Na dextra a brilhante espada,
 E na sinistra arvorando
 O ramo da paz doirada;
 Chamarás Ethiope bando.

Este descendo em tropel
 Das montanhas, por onde erra,
 Do motim deixado o fel,
 Jurará, prostratado em terra,
 De ser ao seu Rei fiel.

E

(1) No anno de 1797 foram mandados por S. Magestade, os Illustrissimos Francisco de Paula Leite, e o Desembargador José Joaquim da Silva, ás Ilhas de S. Thomé, e Principe, a pacifcarem o tumulto revolucionario daquelles Povos, que felizmente concluirão.

E logo, por ordem vossa,
 Voluntario entregue aos ferros,
 Que a sábia prudencia adoça,
 Chorando passados erros,
 Entrará na barra nossa.

Tambem lá do novo mundo,
 A' testa de cem Baixeis,
 Virás, vencendo o profundo
 Mar, e ventos infiéis,
 Aqui a salvo dar fundo.

Já a este tempo chegando
 Vinhão as mais quilhas ao Téjo,
 Cujos Chéfes foi croando,
 E á vista do grão cortejo
 Hum, e outro elogiando.

Quando no Baixel, que tem
 O nome de Ulysses forte,
 Avista Elmano, que além
 De hum valor, que vence a morte,
 Traz por guia o fazer bem :

Hum

Hum pouco a frente inclinada ,
 Lhe diz , ó Joven guerreiro ,
 Dos Menezes prole amada ,
 Por quem he no mundo inteiro
 Minha Lisia respeitada ;

Em breve aos mares sulcados ,
 Já dos Gregos , e Troianos ,
 Irás , vencendo os irados
 Monstros do Lacio inhumanos ,
 Contra aquelles sempre armados.

Em vão Scylla , e a fraudulenta
 Carybdes se te opporá ;
 Vencerás Circe cruenta ,
 Em cujo mar soffreo já
 Eneas dura tormenta.

Depois que estrella celeste
 Te guiar ao Reino amado ,
 A' minha vista , e aqui neste
 Sitio , serás coroado
 Por Thetis , de quem nasceste. (1)

Nem

(1) O Illustrissimo D. Manoel de Menezes

Nem deixa o Padre excellente
 De louvar os Lusos todos;
 Pois conhece claramente
 Que premio, e louvor são modos
 De fazer mais forte a gente.

Finda a solemne assembléa,
 Em que o Téjo nos honrou;
 Tres vezes ledo menéa
 A cabeça, e procurou
 Do fundo a fulgente aréa.

Suas filhas por seu mando
 Acompanhão as prenes vélas,
 Co' os alvos peitos cortando
 As correntes, e ao som dellas
 Mais doces que Orfêo cantando.

Can-

nasceo no mar, quando o Illustrissimo, e Excellentissimo D. Rodrigo de Menezes, seu Pai, hia governar a Bahia, e por isso o Poeta lhe chama filho de Thetis.

Cantárão do Throno a gloria
 No valor de Reis possantes:
 Nem escapárão á memoria
 Heróes, e feitos brilhantés,
 Immortaes na Lusa historia.

Huma cantou o primeiro
 Tronco dos Reis Lusitanos,
 Que de Hungria aventureiro,
 Veio ajudar os Hispanos
 Contra o Moiro carniceiro.

Outra com vozes divinas
 Cantou D. Affonso Henrique,
 Que no meio das ruinas
 Dos de Agar no grande Ourique
 Fez brilhar as Lusas quinas.

Logo Sancho foi cantado
 Successor deste, e tambem
 Esse destroço affamado,
 Quando esteve em Santarem
 Por treze Reis sitiado.

Outro Affonso, e terceiro
 Que a Sancho brando succede,
 Forão com som lisongeiro
 Louvados da linda Eumedes,
 Cada qual d'agil guerreiro:

O nome do grão Diniz
 Dalli voou ás estrellas,
 Heróe sábio, que só quiz
 Que Minerva, e as Musas bellas
 Fizessê o Reino feliz:

O quarto Affonso, que tanto
 Abateo a Hespanha brava,
 E que encheo de horror, e espanto
 Os netos de Agar escrava,
 Entrou no festivo canto.

E tu, desditoso Amante
 Da terna, misera Castro,
 Subiste em verso elegante
 A cima do Titaneó Astro
 Pela formosa Violante:

Quando chegou á tecida
 Scena de Amor contra Ignez ,
 Nas fauces a voz subida
 Pegada ficou , talvez
 Do mesmo Nume ferida.

Apôs esta , Eufemía toma
 Novo Canto , e nelle exalta
 João primeiro , que doma
 A Hespanha , qual , á alta
 Carthago , a soberba Roma.

De Aljubarrotá a batalha
 Foi tambem engrandecida ;
 E o grão Pereira , que talha
 Com forte espada luzida
 Aço , escudo , arnez , e malha.

Affonso quinto , e o segundo
 Rei Dom João se cantarão ,
 Ambos por saber profundo ;
 E ambos porque augmentarão
 Ao Patrio Reino mais mundo.

Inda o louvor no Baixel
 Destes resoava, quando
 D'entre o coro a terna Isabel.
 Sonora voz levantando,
 Canta o invicto Manoel.

Aos louvores, que apregôa
 Deste Rei a Nynfa esperta,
 Servio de brilhante crôa
 A famosa descuberta
 De ti, Região Eôa.

Seu digno filho, e herdeiro
 Na grandeza, e Sceptro amado,
 O sábio João terceiro
 Foi pela mesma cantado,
 Por hum Heróe verdadeiro.

Depois á fiel memoria
 Recorrendo, alli soárão
 Os Heróes da nossa historia,
 Que triunfando augmentárão
 Dos dois Monarcas a gloria.

Affoito Gama , que abriste
 O caminho aos Lusos Martes ;
 E que de loiros cobriste
 Os invictos Estandartes
 Da Patria , donde sahiste :

Tu , cujo nome , e valor ,
 (Pacheco fiel vassallo)
 Encheo de sangue , e terror ,
 O Samorí em Cambaio
 Narsinga , Bipur , Tanor :

Almeidas , de quem Chaul
 Hoje inda chora mil damnos ,
 Que destruístes Dabul ,
 Detronastes os Tyrannos ,
 Pondo freio a todo o Sul ;

Albuquerque , Marcio raio
 D'Orinuz , e rica Barem ,
 Terror do forte Malaio ,
 Espanto de Gôa , e Adem ,
 Flagello do Grão Sabaio :

178 A S S A U D A D E S

Vós, Menezes, prole augusta
De Heróes de guerra, e virtude,
Cuja espada, e mão robusta
Sentio sempre o povo rude
Da India, e da Lybia adusta;

Castro forte, que o Hidalcão
Sabes vencer, e Cambaia
Sem temer verde estação,
E a quem, lá em Cintra, a faia (1)
Serve de honrado padrão;

Cunhas, Noronhas, Silveiras,
Mascarenhas, novo Gama,
Sampaio, Sousas, Siqueiras,
Que deixastes nome, e fama
Nas Gangeticas ribeiras:

Todos vós, Heróes famosos,
Fostes por Isbel cantados,
Se podem sons maviosos
Cantar quem venceo os fados
Por seus feitos gloriosos.

Ca-

(1) D. João de Castro, como se lê na sua *Historia*, se occupava em Cintra em plantar arvores silvestres, que servião de padrão ao seu desinteresse.

Calada a Nynfa , eis hum brando
 Susurro se ouve entre todas
 As mais Nynfas , como quando
 Doce Orquesta novas modas
 De canto está concertando.

Logo todo o Coro unido ,
 Rompendo em doce harmonia ,
 Canta o Rei esclarecido ,
 Que abatendo a tyrannia ,
 Empunha o Sceptro perdido.

A ditosa acclamação
 Entre vivas foi cantada ;
 E apôs o quarto João ,
 Toda a casa sublimada
 Da Bragancil successão.

Quando a José immortal
 Chega o coro encantador ,
 A Jove o cantou igual ,
 Pai da Patria , e fundador
 D'outra nova Capital.

180 A S S A U D A D E S

Em quanto nosso Pai caro
Cantavão as Tagides bellas,
Levar a Neptuno avaro
Suas agoas, e as estrellas
Brilharem no Olympto claro :

Sempre, ó Rei, tua memoria
Será em Lisia immortal,
Ainda que a transitoria
Idade roa o metal
Do Padrão da tua gloria. (1)

A nossa Augusta Reinante,
De seu Pai imagem bella,
A quem Jove altisonante,
Nem antes, nem depois della
Outra formou semelhante:

Ao Ceo em doce harmonia,
Em nobre canto subio;
E quem a fez sábia, e pia
Lá no mesmo Throno ouviu
As virtudes de Maria.

No

(1) A Estatua Equestre.

No fim deste canto a frota
 Já vinha a Caxias perto,
 Quando Real Galeota
 Da praia com remo certo
 Para nós a proa bota.

Mal as Nynfas avistárão
 No ar o Regio Estandarte,
 Vozes novas afinárão;
 E co' o rosto áquella parte
 Desta maneira cantárão:

Eis, Argonautas valentes,
 O Principe a ver-vos vai,
 Que premios mais excellentes
 Quereis que vello, qual Pai,
 Vir encontrar suas gentes?

Pôde mais sua bondade,
 Que o Throno, e croas Reaes:
 Nelle aprenda a Magestade,
 Quanto o amor obriga mais,
 Que a Suprema authoridade.

182 A S S A U D A D E S

Beijai-lhe a mão , que algum dia
Empunhando o Sceptro augusto ,
Regerá a Monarquia ,
No mesmo equilibrio justo
Da sempre Immortal Maria.

Vereis no sexto João
Todos os dotes Reaes
Do imperante coração ,
Sem ter inveja aos mortaes ,
Que regeo de Astrea a mão.

No seu reinado vereis ,
Pela escolhá de Coutinho ,
Cem belligeros Baixeis
Sahirem do patrio ninho ,
Cruzar mares infieis.

A' vista das Lusas quinas ;
A infida Argel tremará ;
E envolvidas nas ruinas ,
Turbantés , Luas verá
Sobre as agoas Neptuninas.

Isto dizendo , em Coréas
 Enlaçando as mãos de neve,
 Logo danção as Semidéas ,
 Sem ferirem co' o pé breve
 Do rio as serenas véas.

No fim do baile volvendo
 A nós as vistas divinas ;
 Vivas ouvindo , e dizendo
 Adeos , pelas crystallinas
 Lapas se forão mettendo.

A este tempo já tinha
 Chegado o Principe Augusto
 A's náos , onde se detinha ,
 Honrando com louvor justo
 Os Principaes da Marinha.

Estes prostrados lhe beijão
 A Regia mão , protestando
 Que em seu serviço desejão
 Ir mil prigos arrostando ,
 Que além do possível stejão.

Depois vivas de alegria.
 Alli sóão das enxarcias:
 E a horrenda artilheria
 Festeja com vózes Marcias,
 Tambem este fausto dia.

Logo a cima de Belém
 Beijarão os ferros bidentes,
 Que presos ha tempo vem,
 As arêas refulgentes,
 Que o Téjo, nõ fundo tem.

Inda as agoas burbulhando
 Feridas dos ferros saltão,
 Quando das praias remando
 Chusma de botes não faltão,
 E os baixéis já vão cercando.

Lisias Moças nelles vem
 Vestidas de varias cores,
 Huma seu Pai, que alli tem,
 Chama; e outra a seus amores,
 Incerta brada tambem.

De dentro se respondia
 He morto, ficou, vem já:
 O vivente apparecia;
 Mas desse, que no Orco está,
 Nem se quer a sombra fria.

Qual com a fina Cambraia
 A seu visto esposo acena:
 Qual, não vendo o Pai desmaia;
 Qual, morto o Irmão, de pena
 Cahê morta na branca saia.

Esta pede em vão ao Ceo
 Esse, que já não existe;
 Aquella dé escuro veo
 Se cobre, e viuva triste
 Fica sem ver Hymeneo.

Aqui outra mais feliz
 Ao terno Amante já falla:
 Meiga, qual Venus; lhe diz
 Lindas coisas; porém cala
 Outras, que Amor calar quiz.

Acolá Máí carinhosa,
 Vendo o filho seu o abraça;
 E essa esposa saúdosa,
 A quem não ferio desgraça,
 Se acclama por mais ditosa.

D'outra parte aureas madeixas
 Cobrê o Téjo crystallino:
 Quaes prantos, quaes soltão queixas;
 Mas tu, barbaro Destino,
 Na mesma desgraça as deixas.

Alli as glorias passadas,
 Lisongeiras esperanças,
 Promessas de Amor doiradas,
 Que tu, Fortuna, affianças,
 Ficão todas sepultadas.

Nesta Scena, a quem lançava
 Meus tristes olhos, não via
 Aquellas, que eu adorava;
 Só no peito meu sentia
 Que a saudade redobrava.

N'huma via as niveas cores ,
 N'outra os cabellos doirados ,
 Nesta os olhos roubadores ,
 Naquelle os meigos agrados
 Dos meus candidos amores.

Mas n'huma não pude ver
 Unida tanta belleza :
 Que esta obra quiz fazer
 Pra modéllo a Natureza ,
 Onde esgotou seu poder.

Daqui logo a fantasia
 Vôou sobre o Freixo , e Graça ,
 Onde vagando temia
 A mesma fatal desgraça ,
 Que as Lisias Moças feria.

Se vivem , Ceos , que feliz
 Serei ! clamava assustado ,
 E nesta incerteza quiz
 Annunciar que chegado
 Tinha do rico Paiz.

Escrevi ás minhas bellas
 Quanto a ausencia foi sentida;
 Testemunhas as estrellas
 Tomei de que a minha vida
 Conservava só por ellas.

Nem omitti de Neptuno
 Esse encontro, e tenção féra;
 A isto as promessas uno
 Da Fortuna, e que Cythéra
 Me livrou, e a Equorea Juno.

Guerras de mares, e vento,
 Tórridas calmas na Linha,
 Da saudade o mal cruento,
 Males, que soffrido tinha,
 Relatei-lhes centos a cento.

Mas que importa, acabo assim;
 O' Tirce bella, ó Lizarda,
 Que isto passasse por mim,
 Se o tempo, que já não tarda,
 A tanto mal vai pôr fim.

Nos vossos braços Belmiro
 Vai beijar de Amor o Templo :
 A vós , Amantes , que admiro ,
 Servirei de inveja , e exemplo
 Nesta ventura , a que aspiro .

Isto disse , mas . . . ó pena !
 O' mágoa ! ó desgraça ! ó morte !
 Que val , o que Amor ordena ,
 Quando o fado , que he mais forte ,
 Ao contrario nos condemna .

Triste Nume de Cythéra ,
 Esperanças , vão desejo ,
 Cedamos , que a sorte austéra
 Me assina longe do Téjo .
 Ausencia mais longa , e féra .

Vendo assim frustrado o intento
 De ir ver minhas Nynfas caras ;
 Depois de soltar ao vento
 Ternos ais , queixas amaras ,
 Que dictou o meu tormento :

Mandei a Tirce, e a Lizarda,
 Os dois Papagaios bellos,
 Que apanhei na murta parda,
 Para contar os desvéllos,
 E fé, que o peito lhes guarda.

Lindas aves, mais ditosas
 Que Belmiro, que vos manda,
 Ide, lhes disse, ás vistosas
 Campinas, pelas quaes anda
 Tirce, e Lizarda saudosas.

Contai-lhes quanto sentistes
 No mais terno dos Amantes!
 Referi meus dias tristes,
 E os suspiros penetrantes;
 Que por mil vezes me ouvistes.

Não vos esqueção os momentos,
 Em que juntos enviámos
 Seus nomes aos elementos;
 A cujos sons amansámos
 Bravas ondas, rijos ventos.

Quando entre doces affagos
 Vos unirem a seus peitos,
 Beijando seus olhos magos,
 Dizei-lhes que os meus stão feitos
 Na dura ausencia dois lagos.

Que meus dias, qual a flor,
 Que murcha o Sol inflammado,
 Entre a saudade, e a dor
 Vão tocando o frio estado
 Da idade, opposta ao Amor.

Depois a voz modulando,
 Ao triste som da ternura,
 Cantai esse verso brando,
 Que de dia, e noite escura
 Vos ensinei suspirando.

Isto dizendo, eis o Graça,
 Alçando o cóllo pintado,
 Já volteja, e se esvoaça;
 E logo o verso ensinado
 Desta sorte a cantar passa.

Lizarda bella, eis-me aqui
 Companheiro o mais fiel
 Do teu Belmiro, eu o vi
 No mar em curvo Baixel
 Mil vezes bradar por ti.

Em tudo a Sagrada Lei
 De Amor cumprio, e fé pura
 Hoje, Lizarda, serei
 Testemunha, se és perjura
 Se fiel, qual o deixei.

Mal findou, o Freixo, que he
 De falla, e de pennas rico,
 Se enfeita batendo o pé,
 E no retorcido bico
 Pública assim minha fé:

Tirce bella, a quem Amor
 Sujeitou Belmiro triste,
 Ama o teu caro Pastor,
 Que ausente leal persiste
 A teu rosto encantador.

Não temas que o tempo, ou fado
 Ausencia, ou mágica Circe
 Mudem seu peito inflammado,
 Seu peito que só em Tirce
 Põe seu amante cuidado.

As ternas aves assim
 Cantavão, quando o furioso
 Tiro d'ausencia pôz fim,
 Nellas ao canto saudoso,
 A's esperanças em mim.

Proximo já a deixar
 De Lisia o porto jucundo,
 Sem poder articular
 Huma voz; porque hum profundo
 Suspiro ma fez cortar:

Beijando os dois Papagaios,
 Os mandei ás minhas bellas:
 E fiquei entre desmaios,
 Como aquelle, que em procellas
 Assombrão farpados raios.

Estes guiados de Amor p' amor oñi
Forão melhorar de sorte:
Mas eu ferido de dor q' use m'ho
Viin, entregué á dura morte
Arrostar Adamastor.



F. I. M.

P R O T E S T A Ç Ã O .

O Author protesta diante dos Ceos, e Terra, que alguns termos, de que usa neste Poema, como são, v. g. Fado, Nume, Deidades; e que algumas expressões mais vivas, nada tem de commum com os seus sentimentos moraes, e que em tudo se submete ás determinações da Igreja, e Imperio, como Catholico, e Vassallo.

ERRATAS.

Pag.	Verios.	Error.	Emendas.
49	9	O Amphitrite	Amphitrite
53	2	Movem	Movê
65	3	oh	o'
93	20	Este	Estes
97	17	Réo	Rei?
156	14	Nereidas	Nereides
167	15		